

DE CABOT A J.K.

Ao mobilizar todos os instrumentos de pressão do governo e da maioria parlamentar para impedir o inquérito sobre o truste do vidro plano, o presidente Juscelino Kubitschek situou-se na prática como um executor das recomendações afrontosas feitas pelo embaixador Cabot, que exigiu sinal aberto para as atividades dos monopólios estrangeiros em nosso país.

«Um governo sensato — bradou o diplomata ianque com a arrogância de um gauleiter nazista em terra ocupada — considerará que não pode atrair capitais estrangeiros se as exportações de lucros forem severamente restringidas, ao mesmo tempo que não haja proteção contra os prejuízos.» E o atual governo, não só aceitou em silêncio a descarada intervenção norte-americana em nossos assuntos internos, como apressou-se a ceder aos ditames de Mr. Cabot, fazendo malograr a investigação proposta pela Frente Parlamentar Nacionalista.

O presidente Kubitschek correu em defesa do sr. Pais de Almeida porque deseja manter no Ministério da Fazenda um homem que inspire confiança aos Estados Unidos, no momento em que são reiniciadas as negociações com o Fundo Monetário Internacional para a obtenção do empréstimo que o governo brasileiro pleiteia. Ninguém melhor para essas delicadas funções do que o notário e confesso sócio brasileiro da Pittsburgh Glass Co.

Mais uma vez se comprova, assim, o que têm afirmado os comunistas e as forças nacionalistas e democráticas: o atual governo vacila em aplicar a política independente que os interesses nacionais exigem, capitula repetidas vezes diante da pressão do capital mo-

napolista norte-americano, cifra suas esperanças na obtenção de empréstimos ianques, como se o progresso do Brasil pudesse ser impulsionado com a pretensa ajuda dos parasitas que nos exploram e saqueiam.

Enquanto o governo continuar preso a esta política, não conseguirá encontrar qualquer solução de fundo para os problemas econômicos e financeiros que se agravam e se refletem na alta insuportável do custo da vida. O sr. Kubitschek e o marechal Lott precisam saber que o povo não está disposto a esperar que os seus problemas vitais sejam solucionados em 1961. O povo exige soluções imediatas. Ouçam os homens do governo o clamor dos operadores nas assembleias sindicais. Notem que a luta contra a carestia já está ganhando as ruas. Mais de um milhão de trabalhadores se lançam à luta por aumento de salários.

Será que o presidente Kubitschek pretende sufocar a luta dos trabalhadores com a SCAAD — a nova Gestapo criada pelo coronel Crisanto? Pretendem o chefe do governo e o marechal Lott entregar a bandeira popular do reatamento de relações com a URSS ao demagogo entreguista Jânio Quadros? Deseja o presidente da República aparecer como protetor dos trustes estrangeiros — em troca do prato de lentilhas de um empréstimo americano?

Contra essas capitulações vergonhosas do governo as forças nacionalistas e populares já estão erguendo — e erguerão de modo ainda mais enérgico — o seu protesto indignado e patriótico.

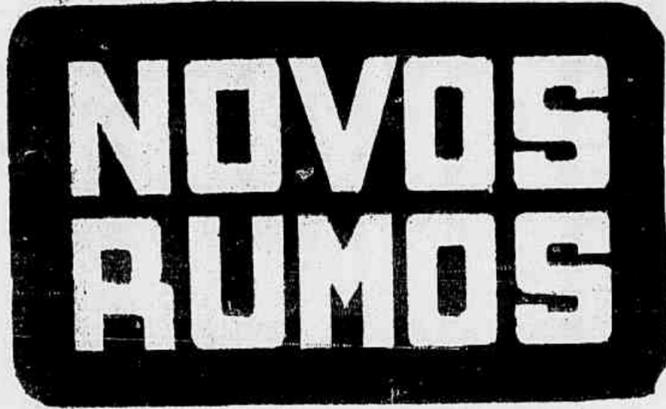
Indignação e Repulsa

Ante a Intromissão

Do Embaixador Ianque

Protestos em São Paulo e no Rio Grande do Sul — A Frente Parlamentar Nacionalista e a bancada do PTB transmitiram a JK seu repúdio — Manifesto conjunto da UNE e da UBES — (Reportagem na 10.^a página)

ANO 1 — RIO, SEMANA DE 21 A 27 DE AGOSTO DE 1959 — N.º 26



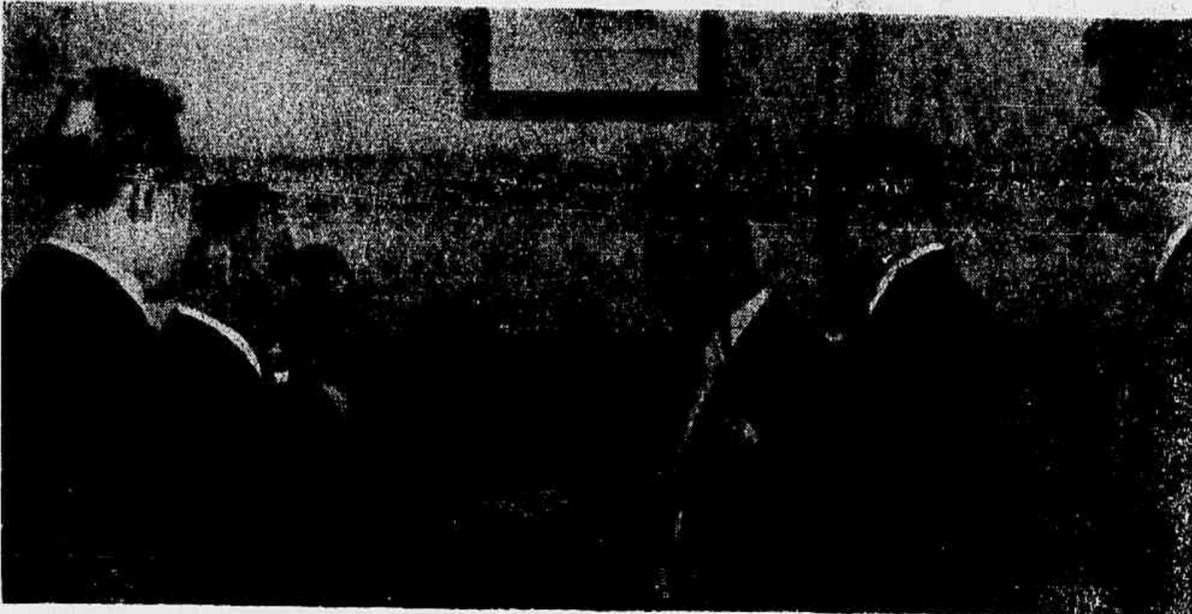
REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

OPERÁRIOS DECIDEM:
**INTENSIFICAR
A LUTA
PELO DIREITO
DE GREVE**
(10.^a Página)

**FPN ENFRENTA
TRUSTE DO
VIDRO PLANO**
(Leia na página 7)

QUANDO SE REPETIRÁ ESTE ATO?

Embaixador Do Brasil Entrega Credenciais Em Moscou



É uma foto histórica a que reproduzimos aqui: o primeiro embaixador do Brasil na URSS, sr. Pimentel Brandão, entrega suas credenciais em Moscou ao então Presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS, Nicolai Chvornik, logo depois da guerra. Agra-

ra, que chega ao fim a guerra fria, que impede nossas relações com uma das duas grandes potências mundiais — a URSS? (Leia, na 3.^a página, reportagem sobre o reatamento de relações com a URSS)

No caso da

CARNE

é preciso

dar nome aos

BOIS

(10.^a PÁGINA)

A Luta Contra a Carestia Ganha As Ruas Em S. Paulo



Grande massa popular, conduzindo faixas e cartazes, compareceu ao comício contra a fome, realizado no dia 17 último, na Praça da Sé, em São Paulo. A propósito publicamos, na página 11, completa reportagem

Washington, which is setting up the new bailout for Brazil on a purely political basis, also is looking ahead to the presidential election in which the role of U.S. capital and the potential of trade with the communist bloc will figure prominently as issues in a deteriorating economic climate. In practical terms, Washington considers Jânio Quadros to be the only candidate capable of opening the doors for foreign petroleum companies in Brazil, and the only candidate at all likely to make that move if elected. Given the existing enthusiasm for that candidate in Brazil, Washington considers it practical to attempt political

WASHINGTON INFORMA

JÂNIO ENTREGARÁ O PETRÓLEO

Não pode haver prova mais esmagadora da caráter entreguista da candidatura de Jânio Quadros do que este trecho da "Hanson's Latin American Letter", do 25 de julho último, que publicamos acima em "fac simile". A conhecida publicação dos homens de negócios norte-americanos, revela claramente e sem rodeios a opinião dos trustes imperialistas sobre o demagogo da vassoura, ao dizer: "Em termos práticos, Washington considera Jânio Quadros como o único candidato capaz de abrir as portas à Frondizl para as companhias petrolíferas estrangeiras, e o único candidato inteiramente apto a dar esse passo se for eleito".

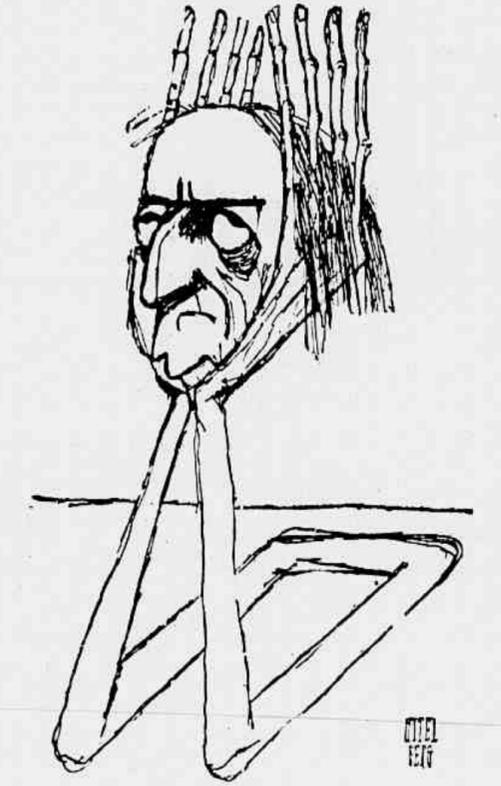
MALRAUX - AGENTE DA GUERRA COLONIAL

Chegará por estes dias ao Brasil um embaixador do governo francês, o encarregado de assuntos culturais, André Malraux.

apasionante: a luta heróica do povo chinês pela libertação na década de 20 deste século. Chiang Kai-shek havia chamado vivos milhares e milhares de comunistas e outros combatentes revolucionários, depois de traí-los miseravelmente. Mas um jor-

nalista francês perguntou um dia a um participante da Revolução chinesa sua opinião sobre o romance de Malraux e obteve a seguinte resposta: — Achei muito engraçado, me ri muitíssimo... O jornalista, que não esperava semelhante resposta,

mostra-se surpreso. E o antigo combatente chinês acrescenta: — Sim, sim, ri muito. Se nós tivéssemos sido como os revolucionários de Malraux, imediatamente teríamos morrido todos de exaustão nervosa.



QUE VEM FAZER MALRAUX?

Que vem fazer Malraux em nosso país? Uma viagem literária? Simples recreio? Não é provável. O governo de De Gaulle aproveita a notoriedade de Malraux nos meios intelectuais para tornar simpática a causa dos colonizadores franceses na Argélia. Mas a verdade é esta: Malraux vem tratar do apoio do Brasil aos colonizadores franceses nos próximos debates da questão da Argélia na ONU. Em outras oportunidades, emissários oficiais franceses vieram à América Latina com o mesmo objetivo. O governo de De Gaulle, ante a impossibilidade de resolver a questão argelina como pretendia impondo a capitulação aos argelinos ou uma paz desonrosa que significaria o reconhecimento do domínio francês na África do Norte, busca meios de permanecer na Argélia, recusa nos argelinos o que eles exigem — o reconhecimento do direito que têm de dirigir livremente seus destinos como nação independente, como Estado soberano.

CRÔNICA INTERNACIONAL

Derrota Dos EE.UU. Na OEA

Encerrou-se, melancolicamente para seus promotores, a Quinta Conferência de Chanceleres da Organização dos Estados Americanos, em Santiago do Chile. Seu objetivo oficial — discutir a crise das Antilhas — mal ocultava o objetivo real: preparar condições para a intervenção aberta contra o governo revolucionário de Fidel Castro, em Cuba. Esta a finalidade dos Estados Unidos, um dos convocadores da conferência, de cuja iniciativa participou o governo brasileiro, acobertando, de certa forma, as manobras do Departamento de Estado.

Mas as coisas se passaram de maneira bem diversa da Conferência de Caracas, convocada também pelos Estados Unidos com o propósito de intervir na Guatemala contra o governo democrático de Arbenz. Então, todos se aperceberam da manobra infame e todos foram nas águas da diplomacia de Washington, completada depois pela invasão de Castilho Armas, laço descarado da United Fruit.

Como se modificou a situação nestes 4 anos? E não em favor dos Estados Unidos, mas contra os Estados Unidos, ou melhor, contra os imperialistas norte-americanos.

Desta vez, os Estados Unidos encontraram a resistência decidida da opinião pública latino-americana. Resistência tão firme que mesmo os tradicionais abridores de caminho para as manobras tanques não puderam agir com a antiga desenvoltura. Tiveram que dissimular seu jôgo.

Os Estados Unidos não conseguiram impedir que fossem discutidos assuntos que não lhes agradam de forma alguma — e que eles boicotaram — tais como problemas econômicos dos países subdesenvolvidos, o reconhecimento da necessidade de liberdades democráticas em todo o Continente, criando-se inclusive uma Comissão Interamericana de Direitos Humanos (contra os votos do Brasil, México, República Dominicana e Uruguai e a abstenção dos Estados Unidos e Bolívia). Nesta questão formamos vergonhosamente ao lado do tirano Trujillo.

Mas a realidade é que estas iniciativas constituíram uma condenação moral das ditaduras antipopulares restantes na América Central e do Sul. Uma condenação, portanto, dos pupilos do imperialismo norte-americano, como Trujillo, Somoza, Stroessner.

Outra derrota dos Estados Unidos foi a reafirmação do princípio da não intervenção, pois em todo o Continente só existe um país que pode intervir em outros países: os Estados Unidos. A história de suas relações com os demais países do Continente está repleta de atos de intervenção, muitas vezes, no passado, com o desembarque de fuzileiros navais tanques. Advogar o intervencionismo no caso de Trujillo constituiria um perigo para todo o Continente, ainda que se derrubasse o ditador dominicano. É verdade que Trujillo não existiria mais, não fosse o apoio dos Estados Unidos à sua ditadura. Mas cabe ao povo dominicano — e somente a ele — pôr termo àquela tirania. E um dia o fará, mesmo contra a vontade dos norte-americanos.

O essencial é que malogrou o principal objetivo dos Estados Unidos na Conferência de Santiago: deter o avanço das forças democráticas na América Latina, através de medidas que representassem pelo menos uma intimidação a Cuba. Embora, é claro, nem por isso esteja agora Cuba isenta de outras manobras intervencionistas para derrubar o governo de Fidel Castro. Ao contrário, é muito provável que estas manobras se acendam por outros meios que não os diplomáticos da OEA. Daí a necessidade de rearmarmos a nossa irrestrita solidariedade ao povo cubano em sua luta decidida e digna de admiração pela democracia e em defesa da independência e da soberania nacional.

RUI FACÓ

Uma Guerra De Vida Ou Morte

A guerra colonial francesa contra o povo argelino dura há cerca de cinco anos. Foi a 1ª de novembro de 1954 que o Comitê Revolucionário de União e Ação (CRUA) lançou um apelo à ação direta contra os colonizadores estrangeiros, pela emancipação nacional.

A França, ou melhor, a burguesia imperialista francesa, traíra todos os compromissos contraídos para com o povo argelino. Os colonizadores franceses consideravam — e declararam abertamente — que perderiam menos numa guerra do que perdessem a Argélia. Perder a Argélia era perder suas riquezas naturais, perder bases estratégicas, perder mão-de-obra barata. Os franceses que iriam morrer na Argélia não pertenciam às 200 famílias de multimilionários que dessangram os argelinos — não apenas simbolicamente mas também materialmente. São homens do povo.

Os colonizadores, sonhavam, porém, ganhar a partida rapidamente. Não esperavam a resistência heroica e prolongada que lhes têm oposto os patriotas argelinos. No curso mesmo da luta, estes souberam organizar suas forças e adotar os melhores métodos de guerra, para poderem enfrentar os armamentos modernos e a enorme superioridade numérica das tropas coloniais.

A CRUA transformou-se na Frente de Libertação Nacional (FLN) como organização política das principais forças combatentes e foi organizado o Exército de Libertação Nacional.

Legal então, o Partido Comunista da Argélia não aderiu imediatamente à FLN. Sua orientação foi esta: Uma vez que o movimento é de massas, estar ao lado das massas. Mas tratava de manter sua legalidade e dela tirar o máximo proveito para desenvolver ações políticas de massas paralelas à luta armada.

No entanto, em setembro de 1955 a situação já se modificara. O Partido Comunista argelino é lançado à ilegalidade pelas autoridades coloniais. Funda então uma organização armada própria, compreendendo os Grupos de Combatentes da Libertação. E com eles ingressa no Exército de Libertação Nacional.

OS COLONIZADORES NUM BECO SEM SAÍDA

Passaram-se os anos e os colonizadores franceses se atolavam cada vez mais na guerra da Argélia. A antiga colônia se transformou num sorvedouro de vidas de jovens franceses, no afã de exterminar os combatentes do exército de libertação. As forças coloniais foram aumentando de ano para ano. Cresceu, multiplicou-se o orçamento da guerra da França. Atualmente, a guerra na Argélia custa à França mais de 3 milhões de francos por dia!

E quantos soldados? Mistério absoluto neste capítulo da história. Os generais franceses, o governo francês têm ocultado sistematicamente as baixas reais que sofrem na Argélia. A verdade é que, hoje, metade do exército regular francês está mergulhado na guerra colonial na Argélia. São aproximadamente 600.000 homens, além de milhares de gendarmes e policiais.

As unidades de infantaria francesa são apoiadas pela aviação e navios de guerra da frota francesa. Em algumas semanas, a armada francesa efetua cerca de 200 ataques às costas argelinas, bombardeia as zonas litorâneas controladas pelo Exército de Libertação Nacional e realiza raides de patrulha nas águas da África do Norte.

A aviação francesa deslocada na Argélia é poderosa e leva a cabo, em certas semanas, de 2 a 3 mil vôos sobre as zonas dominadas pelos argelinos. Os pára-quedistas franceses são hoje alvo do ódio e da ira de toda a nação argelina. Dêles os colonizadores fizeram uma tropa de bandidos que descem sobre pequenas cidades e povoados para massacrar seus habitantes.

Sua fama — triste fama de carrascos — voou tão longe que com os «paras» (paraquedistas) os generais fascistas da Argélia, com Massu à frente, ameaçaram desembarcar na própria França, quando deram o golpe de força de 13 de maio de 1958, antecipando a volta de De Gaulle ao Poder.

OS ARGELINOS NÃO CEDEM

Mas todo esse aparato bélico tem sido inútil para dominar os bravos argelinos. Os combatentes do Exército de Libertação Nacional não dão tréguas aos colonizadores. Acossam-nos por toda a parte. Assediam constantemente cidades importantes — controladas, pelas tropas francesas — como Orã, Sidi-bel-Abbes, Argel, Orleanville, Constantine, Biskra, outras. Calcula-se que o Exército de Libertação Nacional da Argélia controla aproximadamente dois terços das regiões mais povoadas do país.

Os principais combates ocorrem geralmente em pontos favoráveis para as forças nacional-libertadoras: as regiões montanhosas. Al os guerrilheiros argelinos são senhores absolutos do terreno, conhecem-no detalhadamente e disso tiram vantagem.

E estão em toda parte, quando menos se espera. Fazem voar pontes, linhas-ferreas, depósitos de armas e combustíveis, trens carregados de soldados franceses, realizam emboscadas contra oficiais das tropas dos colonizadores.

Embora dispersas, as forças do Exército de Libertação Nacional da Argélia são perfeitamente organizadas. Seu comando é constituído por homens que conhecem bem a arte militar e já possuem uma notável experiência de guerra. Seus efetivos são calculados em aproximadamente 130 mil homens (segundo o jornal «Mudjakhid», órgão central da Frente de Libertação Nacional). Suas reservas humanas são enormes: dezenas de milhares de patriotas argelinos espalhados por todo o país.

O Exército de Libertação Nacional dos argelinos está estruturado em princípios que lhe asseguram a máxima liberdade de movimentos e de manobras. Suas unidades atacam de preferência à noite e em pontos previamente escolhidos, não deixando a iniciativa aos colonizadores.

Mas sua invencibilidade reside principalmente no apoio e na simpatia generalizada com que conta não somente na Argélia como em geral nos países vizinhos — Marrocos e Tunísia — e entre as populações muçulmanas que lutam para livrar-se da opressão colonial.

A "MÃO RUBRA" EM AÇÃO

Violenta explosão abalou a 5 de julho último, pela manhã, a tranqüila Rua Val Savio, em Roma. Partiram-se os vidros das casas numa área de cem metros em torno. A explosão transformou num montão de ferro fundido um pequeno automóvel ali estacionado. Na calçada jaziam algumas crianças ensanguentadas.

A polícia descobriu rapidamente as causas da explosão. Debaixo do veículo, por meio de um furo, havia sido colocada uma mina. Um fio de nylon a punha em contacto com o tubo de descarga do carro. A explosão deveria ocorrer quando o motor fosse acionado. Mas, ao correr sob o automóvel uma bola com que brincavam as crianças, tocou no fio de nylon e a explosão se verificou antes de tempo.

A polícia italiana infor-

mou que o carro pertencia ao jornalista tunisino Tajed Mohamed Boulhouf, que às 10 da manhã deveria nele viajar. Mas, se havia atrasado.

Boulhouf foi demoradamente interrogado. Foram presos vários árabes seus conhecidos.

A polícia espalhou a versão de que o jornalista estava ligado ao movimento argelino de libertação nacional que teria traído, sendo condenado à morte por seus antigos correligionários. Mas desta versão se confirmou apenas um fato: Boulhouf estava ligado à Frente de Libertação Nacional da Argélia.

Os jornais italianos «Il Giorno», «L'Unità», «Paese Sera» e outros informaram depois que a explosão misteriosa era obra da «Mão Rubra», centro terrorista ligado à contra-espionagem

francesa e que as investigações deviam orientar-se neste sentido.

Explosões deste gênero já haviam ocorrido mais de uma vez. A 3 de março deste ano, em Francoforte sobre o Reno, na Alemanha Ocidental, explodiu o automóvel de Georg Puchert. Os assassinos conseguiram seu objetivo: a explosão ocorreu quando Puchert pôs o motor em movimento. Puchert morreu instantaneamente.

A 28 de setembro de 1958, caso idêntico aconteceu na casa Schluter, em Hamburgo, fornecedora de armas para o Exército de Libertação Nacional da Argélia, causando a morte de um sócio da firma Lorenzen, e ferindo a mãe de Schluter. A 3 de junho de 1957, sob o automóvel deste último, explodiu artefato idêntico. Morreu então a mãe de Schluter e foi

ferida uma filha sua, de 9 anos. Schluter salvou-se mais uma vez casualmente.

Schluter e Puchert, como Boulhouf, estavam ligados à Frente argelina de libertação.

Jornais alemães e italianos divulgaram depois os nomes das organizações terroristas que atuam contra os argelinos: a «Mão Rubra», a «Mão Branca», a «Mão Verde», a «ODAT».

Têm elas protetores influentes no governo francês, pois seus membros permanecem impunes. Todos os dados fornecidos pela imprensa são ignorados pela polícia francesa.

sensacional de que Puchert havia sido enviado ao outro mundo pelo «2.º Bureau». E mencionava o nome do coronel M., que teria atuado em contacto com as autoridades da Alemanha Ocidental.

Sómente depois destas notícias a polícia do governo de Adenauer achou que devia falar. Numa entrevista à imprensa, o chefe de polícia de Francoforte confessou a existência da organização «A Mão Rubra» e forneceu os nomes e as senhas de Vlary, Durieux, van Cotten, suspietos de autoria do assassinato de Puchert. Informou também sobre outros crimes da mesma organização terrorista.

Mas ninguém foi preso. O que interessa tanto a Paris como a Bonn — aos imperiais alemães — é ajudar os colunistas franceses como os nizardores franceses em sua guerra de morte contra os patriotas argelinos.



Os colonialistas franceses colocaram uma rede de arame farpado na zona de fronteira entre a Argélia e Tunísia, com o objetivo de cortar os suprimentos ao Exército de Libertação Nacional. Na foto, rolas de arame retirados pelos soldados do Exército de Libertação da rede construída pelos franceses

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmoa Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini,

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral .. " 130,00
Trimestral .. " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso .. Cr\$ 5,00
N.º atrasada .. " 8,00..

ATÉ OS QUE COMBATIAM SÃO AGORA FAVORÁVEIS A RELAÇÕES COM A URSS

Os últimos dias demonstraram, de forma incontestável, a taxa de que o tratamento e a intensificação das relações com todos os países socialistas, especialmente com a União Soviética, já não é apenas uma reivindicação unânime da Nação, mas é medida madura, que pode e deve ser efetivada por este Governo que ali está, imediatamente. Grande número de pronunciamentos públicos, durante a semana passada, tornaram evidente que mesmo certos setores, tradicionalmente numa posição de veto às relações com os países socialistas, começaram a reconhecer a justiça da medida.

COMO SE MANIFESTARAM « O GLOBO » E O « CORREIO DA MANHÃ » — ARTIGOS DE ZULFO FREITAS MALMAN, LUCAS LOPES E RÔMULO DE ALMEIDA — JK APÓIA DECLARAÇÕES DE LAFER

mentando, detalhadamente, a favor do restabelecimento, concluiu o «Correio da Manhã»: «Vemos, isto sim, a vantagem que sempre tivemos em restabelecer relações normais com Moscou, pois então poderemos fazer lá a propaganda de nossos produtos e eventualmente criar nos dois países um mútuo interesse comercial. O fato de os russos não terem chiado, não, não quer dizer que não possam melhorar de gosto. Ridiendo é sempre mais realista que o rei e continuamos nesse modo de termos aqui representantes soviéticos e de lá mantermos representantes brasileiros. (...) Não se imagina um País sério e consciente de sua força, com temores assim. De certa forma, o restabelecimento de relações com a Rússia será para nós uma afirmação de maturidade. Não somos uma colônia».

ARGUAM, DINAMISMO E AUDACIA

Mais significativa, todavia, será talvez a mudança de posição de «O Globo», sobre a questão. Este jornal, considerado mesmo por voz oficiosa da Mitra católica, nunca mediu sua

hostilidade às relações com os países socialistas. No entanto, no correio desta semana, depois de manifestar-se em editorial de primeira página a favor das relações comerciais com a URSS, embora de modo ainda restritivo, perdeu toda a hesitação quando publicou um suplemento especial dedicado ao comércio exterior, datado de 11 de agosto. No editorial de apresentação desse suplemento, disse «O Globo»: «O Brasil precisa não apenas manter, mas, inclusive ampliar sua capacidade de importação — que será sempre crescente — abrindo mesmo os portos aos países de economia socialista e à própria URSS, se desarmarmos o problema da nossa crise de moedas fortes. Para garantir, no entanto, essa capacidade de importação, necessitamos também vender mais ao exterior (seja aos americanos do Norte, seja aos russos), a fim de manter equilibradas as contas da balança comercial, numa verdadeira rota de duas mãos, que pode ser compreendida como o aumento das exportações em função do aumento de nossa capacidade de importar». Concluiu, o Gilmore e editorial de «O Globo»:

«Assim se justifica, em síntese, uma política de exportação com sentido econômico e cujo Axite, fundamentalmente, repousa na argúcia, dinamismo e audácia de uma nova política comercial que, reinclindo os padrões operacionais até aqui em vigor, convoque à volta de uma mesa, um a um, os demais países do mundo, usando da legítima poder de barganha para negociar de acordo com os superiores interesses nacionais, dentro de objetivos determinados».

Nesse mesmo suplemento de «O Globo», composto por artigos sobre o comércio exterior assinados por figuras de projeção de círculos do governo e da burguesia, encontramos igualmente alguns pronunciamentos de grande importância sobre a questão das relações com os países socialistas. O incremento dessas relações é sempre lembrado, entre as medidas de primeira importância destinadas a solucionar os problemas da comércio exterior brasileiro.

Diz, por exemplo, em seu artigo, o Sr. Brasílio Machado Neto, Presidente da Confederação Nacional do Comércio: «O Brasil precisa exportar mais, desenvolver ao máximo suas possibilidades de comércio nos mercados tradicionais e explorar novas áreas, como as do Leste Europeu e da Ásia».

QUEBRAR O MONOPÓLIO

O Sr. Zulfo de Freitas Malman, Presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal, e conhecido partidário ardoroso dos investimentos norte-americanos no Brasil diz, por sua vez, no artigo que assina: «Cumpra o governo a adoção uma política econômica externa, pois não a possuímos, objetivando: a) criar novos mercados para o café e estimular a consumo em países que já foram grandes consumidores de produtos, b) quebrar o monopólio de mercado de comércio exterior brasileiro, promovendo o intercâmbio com outros países, evitando colocar produtos como o açúcar em tais batatas, batatas etc. (...) Assim, abriremos mercados para nossos exportadores, deve-se a preocupação do governo de não estragar o produto dos nossos produtores, que não são brasileiros, que não

os melhores padrões de vida».

«Eis o que escreve, no mesmo suplemento, o Sr. Lucas Lopes:

«Examinando-se as tendências a longo prazo dos mercados tradicionais brasileiros notasse, tanto quanto se pode prever, que o mercado norte-americano continuará a ser por muitos anos o maior mercado para os produtos primários brasileiros. Entretanto, em hora esse mercado será substancial em números absolutos, a verdade é que não tende a crescer em velocidade compatível com as necessidades crescentes de desenvolvimento dos países latino-americanos e do Brasil. O mesmo acontece com os mercados do Leste Europeu, deixando claro que para a manutenção de taxas de desenvolvimento econômico compatíveis com as aspirações mínimas do País, novas possibilidades de comércio terão necessariamente de ser desenvolvidas e novas áreas exploradas, inclusive as do Leste Europeu».

Finalmente, eis o que afirma o Sr. Rômulo de Almeida, na artigo que escreveu para «O Globo»:

«Tanto para assegurar melhores termos de troca, através de maior concorrência entre os compradores de nossos produtos, quanto para ampliar o volume exportado, imperativo se torna romper os entraves de qualquer natureza à ampliação das áreas de comércio exterior diretas do Brasil: ou seja, precisamos comercializar franca e abertamente com os países da órbita soviética e a China continental. Trazendo, no maior vigor econômico, esse comércio nos encaixará inclusive a melhor resistência às ideologias venidas».

Embora não possamos estar de acordo com o Sr. Rômulo de Almeida sobre (conclui na 10ª página)

A FALA DE MR. CABOT

ORLANDO BOMFIM JR.

«O Diário Carioca», reconhecendo ser possível que «a análise tenha chocado alguns setores da opinião», classifica de «abertura de um diálogo com a opinião pública brasileira» o discurso pronunciado pelo embaixador dos Estados Unidos, Mr. Moore Cabot, no Hotel Cláudia, perante a Câmara Americana de Comércio no Brasil, a Sociedade Americana e o Clube Americano do Rio de Janeiro. Mas o que houve, na verdade, foi uma grosseira e aberta intervenção do diplomata lançado na vida do país. E o aspecto escandaloso do fato é revelado pelo próprio jornal dos herdeiros do comendador Cantanhão que, entre congratulações indecoráveis à intromissão revoltante, anota a circunstância de ter o novo delegado de Washington quebrado «uma linha, quase uma tradição dos seus antecessores».

Talvez não seja tanto assim. E inagável, porém, que Mr. Cabot, pelo que revela sua atividade nas poucas semanas em que se encontra à frente da embaixada, trouxe orientação especial do Departamento de Estado para arrearçar as manças e entrar na briga, desenvolva e descaradamente, em defesa dos trustes norte-americanos amealhados pelo avanço do movimento nacionalista. Quem devia ter vindo, como se sabe, era Mrs. Clare Luce. Mas o oapelo que ela praticara na Itália a incompatibilizava previamente com o papel que devia representar aqui. Por isso sua indicação não foi confirmada. E os debates então travados no Senado americano serviram para deixar claro um ponto: a atrevida Mrs. Booth tinha agido, na Itália, rigorosamente de acordo com a política e as instruções do governo dos Estados Unidos. Aquí viria fazer o mesmo. Não pôde vir. Veio Mr. Cabot. Simples troca de uma mulher por um homem. Porque a política e as instruções continuaram as mesmas. Os fatos estão mostrando. E de maneira tão rude que o discurso do embaixador chega a constituir um escândalo diplomático, considerado pelos seus próprios negacionistas como a quebra de uma linha, a quebra de uma tradição.

E em que sentido foi feita a atrevida interferência? «O problema — determinou Mr. Cabot na sua fala — está em mostrar aos brasileiros, em convencê-los de que o capital estrangeiro foi investido neste país tanto para seu próprio benefício quanto para o dos que o invertem». Escancaremos, pois, as portas para o capital estrangeiro. Sem discriminação nem limitação de espécie alguma. Entre a vontade. Tome conta inteiramente da casa. Agradeceremos o benefício e nos rejubilaremos em continuar um país economicamente dependente. Ficando

naturalmente subentendido que essa dependência será ao nosso grande irmão do norte...

Esta é a essência do discurso de Mr. Cabot. E por isso mesmo é investido contra o nacionalismo, condena a limitação à remessa de lucros, ataca a nacionalização de empresas estrangeiras, e vai por aí a fora, ditando normas ao governo («um governo sensato considerará que não poderá...»), fazendo críticas implícitas a decisões já tomadas (como a encampação da Bond and Share no Rio Grande do Sul), censurando os poderes executivo e legislativo (não são «com medidas executivas e legislativas» que conseguiremos desenvolver nossa economia), combatendo pontos-de-vista de membros do governo e outras personalidades políticas, programas de partidos e resoluções de organizações operárias e estudantis, intrometendo-se aciosamente em questões da alçada exclusiva do povo brasileiro, numa conduta capaz de constituir motivo para transformar-se um representante diplomático em pessoa non grata.

Assim, Mr. Cabot, para defender os trustes norte-americanos, sob o manto genérico de «capital estrangeiro», ataca as posições avançadas do movimento nacionalista. Mas não é só isso. Procura camuflar também e ataque e o faz sob a bandeira do combate ao comunismo. Assaca chavões já muito velhos e não menos desmoralizados para depois, aflito, cair na lamúria: «... é triste vermos brasileiros que proclamam em altas vozes o seu patriotismo a aceitarem palavra por palavra os motes comunistas que vilipendiam as companhias estrangeiras».

Mas é exatamente esse, Mr. Cabot, o problema, que aliás se torna cada vez mais claro para o nosso povo. Não se trata de vilipendiar companhias estrangeiras. Trata-se da luta pela plena emancipação econômica e, consequentemente, política do Brasil. E essa luta se choca, de maneira particular, com os interesses e a ação dos trustes norte-americanos, de que V. Excia. se revela tão ardoroso advogado. Os verdadeiros patriotas (não os que apenas se proclamam) participam com vigor crescente dessa luta. Entre eles nos colocamos nós, comunistas brasileiros. Não através de palavras, mas de atos, de esforços concretos, de empenho abnegado, por força de uma convicção que se robustece e estimula quando o representante de um país estrangeiro abusivamente se dá ao desplante de vir ditar ordens ao nosso povo e ao próprio governo. E de tudo isso vai ficando sempre mais evidente que o anticomunismo se tornou a principal arma ideológica dos que pretendem impedir o avanço da nação brasileira no caminho de sua plena independência.



Durante a incruenta batalha dos Conselheiros, o alto comando possedista mais de uma vez operou mudanças de tática, oscilando, por vezes, da mais franca tendência às negociações até às posições mais rígidas. O motivo dessa inconstância ainda não pôde ser localizado por nenhum observador.

Foi durante uma daquelas crises de rigidez que o sr. Kubitschek deu ordem a seus correligionários da Câmara a fim de que tocassem a Emenda dos Conselheiros para a frente tal como chegou do Senado, sem nenhuma tergiversação.

A tática da intolerância, quanto à emenda, contridiu com outra batalha: a do esgotado vidro plano. Essa tática foi posta em prática no momento em que o Catete, articulado com a liderança governista da Câmara, investiu contra o requerimento de constituição de uma comissão de inquérito para investigar sobre os efeitos que vem causando à economia nacional o monopólio estrangeiro do Vidro plano.

Ben mais fortes do que na Batalha da Emenda dos Conselheiros se apresentaram os pelotões suicidas do exército invisível de JK, no incidente do vidro plano.

Na manhã fria de sábado, depois de ter sido agitado um botão, movimentou-se a máquina do truste americano do vidro. Em suas residências, solenentes, alguns ainda esquivando os dentes, foram procurados os mais vulneráveis dentre os sinalizadores do requerimento de comissão de inquérito. Vinte e nove defeições foram obtidas pelos ativos e pontuais intermediários do truste, o que impediu a manutenção do número necessário para a constituição autorizada da comissão.

As explorações dos vinte e nove batutas foram as mais variadas. Um foi procurado pelo médico que lhe salvou a vida da mãe. Um segundo foi impressionado num conselho de família. O caso mais edificante foi a do representante nordestino que explicou: «Está vindo este meu termo de boa casimira, está ficando fina e está gravata brasileira? Devo tudo ao homem que me alegrou. Sem ele não seria deputado. Pois bem. Essa gravata pediu que se retirasse a assinatura. Como poderia negar-me e fazê-lo?»

Agindo em consonância com os agentes de pressão a domicílio, executada na manhã fria de sábado, abriram fogo contra os nacionalistas os anfitriões da sádica. Jornais de coesistência com o Correio da Manhã à frente, tomaram a defesa de sr. Sebastião Paes de Almeida, sem dúvida por a sádica, ao mesmo tempo, a integridade do governo a prova de teste me e o brilho cristalino do vidro plano. Na batuta se encaramurou. Diante dos vitoriosos pelotões de JK, mais uma vez, aos vencedores, as batutas

A Verdade Sobre o Rompimento De Relações Com a União Soviética

RELTOU O MINISTRO PIMENTEL BRANDAO EM CUMPRIR AS INSTRUÇÕES ABSURDAS

Algumas pessoas, entre as quais o Marechal Lott, continuam atribuindo o suposto incidente que deu lugar ao rompimento de relações entre o Brasil e a União Soviética a um artigo assinado que a «Gazeta Literária» de Moscou publicou em setembro de 1947. Tais pessoas persistem em acreditar que esse artigo, considerado valioso em relação ao General Dutra e ao Exército Brasileiro, foi objeto de uma Nota de protesto, do governo brasileiro, nota que o governo soviético se negou a receber. Daí o rompimento.

Vê-se, assim, por um lado, que o governo soviético é identificado com o autor do artigo da «Gazeta Literária», Boris Gorbatov, a cujas afirmações se dá caráter oficial; por outro lado, a recusa ao recebimento de uma Nota diplomática, fato comum, nas relações internacionais, é julgado como motivo para o rompimento.

Está claro, entretanto, que, fossem tais processos a norma nas relações diplomáticas internacionais, não haveria, pois no mundo que conseguimos manter-se em relações com o exterior.

Contudo, poderia admitir-se que o absurdo fosse verdade, se o depoimento definitivo e irrefutável sobre a questão já não tivesse sido dado, em 1947, a quem Gorbatov compareceu a Hitler, sem que o governo norte-americano se sentisse por isso na obrigação de romper com a URSS, e embora, sua nota de protesto sobre o fato tenha sido igualmente rejeitada pelo governo soviético, que um belo dia, porém, é o

que existiu até o último momento as ordens que se devia de nosso governo de demonstrando que não havia motivo para o rompimento pretendido com a União Soviética; que, afinal de contas, o mesmo fato ocorrido com os Estados Unidos, sendo que a «Gazeta Literária» fora até mais na crítica ao Presidente Truman, a quem Gorbatov compareceu a Hitler, sem que o governo norte-americano se sentisse por isso na obrigação de romper com a URSS, e embora, sua nota de protesto sobre o fato tenha sido igualmente rejeitada pelo governo soviético, que um belo dia, porém, é o

Embaixador Pimentel Brandão, surpreendido com uma nota do Sr. Raúl Fernandes, nota que não teve coragem de encaminhar ao Sr. Molotov, tal e cruza e a brutalidade dos termos em que foi redigida. Depois de burilá-la, e após muita reflexão, resolveu entregá-la. Molotov recebeu a nota e a resultou, declarando a ofensiva à dignidade e ao patriotismo do povo russo. E comentou, finalmente, o Embaixador:

«Como vêem, fiquei com a fama de haver rompido com Moscou, mas quem me forçou a fazê-lo foi o Chanceler de então a quem devia obedecer».

Até aqui portante a verdade sobre o rompimento Brasil e proposta debara do que rompiu, por parte do governo brasileiro, e o artigo da «Gazeta Literária» nada mais foi do que um pretexto de última hora, e um mau pretexto. Ponto interessa, agora reabrir o debate sobre os verdadeiros motivos que levaram o governo brasileiro a quebrar o rompimento, assim a

URSS e URSS, com esse gesto espetacular, a sua entrada na guerra fria. E inadmissível, entretanto, que, hoje, quando novas perspectivas se abrem para o estabelecimento de relações amistosas e de interesse mútuo entre os governos do Brasil e da URSS, se pretenda utilizar aquilo que foi um mau pretexto para o rompimento, como um obstáculo ao pagamento.

Apoio Dos Brasileiros à Causa do Povo Cubano

Na próxima quarta-feira, dia 26, as 20 horas, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) haverá, sob a presidência de um representante público de apoio do povo brasileiro a luta do Cuba por sua independência econômica e política e de exaltação à solidariedade entre os povos na América Latina, e a empenhados na batalha contra o subdesenvolvimento.

O ato é promovido por um grupo de personalidades, entre as quais o senador Lourival Fontes, o deputado Aquilino Barreto, o advogado José Freije e os jornalistas Fernando Segismundo e Manoel Caminha de La Cruz, secretários responsáveis da ABI e do Sindicato dos Jornalistas.

Na ocasião, haverá uso da palavra o deputado Coutinho Cavalcanti e o jornalista Luciano Martins, em registros recentemente divulgados pela imprensa brasileira.

FUSÃO DF-RJ? NOVOS RUMOS abre o debate em suas colunas

Está na ordem do dia o problema do estatuto jurídico a ser dada à cidade do Rio de Janeiro, após a mudança da Capital Federal para Brasília. Há duas soluções em pauta: voltar a cidade a integrar-se no Estado do Rio de Janeiro, ou constituir-se a um Estado autônomo da União, o Estado do Guanabara.

Tal ou não, sem dúvida, de problema que não apenas afeta profundamente o interesse das populações carioca e fluminense, como tem uma indiscutível importância nacional.

Movido pelo desejo de contribuir para o esclarecimento de tão momentoso assunto, o direção de NOVOS RUMOS decidiu abrir as colunas de nosso jornal a todos os seus leitores, muitos dos quais certamente terão sugestões e observações dignas de nota a fazer sobre a questão.

COMO A CRÍTICA VIU O NOVO LIVRO DE ASTROJILDO PEREIRA

ASTROJILDO PEREIRA

MACHADO DE ASSIS

LIVRARIA SÃO JOSÉ

TEATRO

«TIA MAME»

Sou de opinião que o crítico no Brasil, seja do que for, deve ter sempre em mente nosso grau de cultura e o estágio em que se encontra, presentemente, cada arte a ser criticada. Assim, evidentemente, não podemos empregar o mesmo critério no julgamento de uma realização teatral — de todas as artes a que se encontra no estágio mais inferior de desenvolvimento — que empregariamos ao julgar outras manifestações artísticas. Não podemos, entretanto, deixar de levar em conta que a função do teatro além de divertir é educar. E que, se nem sempre é possível educar divertindo é sempre necessário e fácil, divertir educando. Tenha-se em conta que quando dizemos educar não temos em vista a divulgação de preceitos morais, a orientação do espectador na escolha entre o Bem e o Mal, mas a simples função de elevar o gosto artístico e literário do público, sem esnobismos e falsas erudições, mas com discernimento. E se isto é o mínimo que se exige daqueles que dispõem dos meios de chegar até o público, quando se trata de um conjunto que atua sob o pomposo título de Academia de Teatro e se propõe, segundo palavras de sua fundadora e presidente a etar, na realidade, um papel educativo no que diz respeito à cultura e à formação espiritual dos povos não se pode deixar de encarar com severidade esse empreendimento da Fundação Brasileira de Teatro. É realmente melancólico pensar, mos que com o fabuloso capital dependido na montagem e guarda-roupa verdadeiramente suntuoso poder-se a encenar pelo menos três peças, de bom teatro. Assim como é também melancólico pensar, mos no tempo e no esforço gastos por pessoas do valor de uma Kalma Murtinho, Napoleão, Muniz Freire, e um grupo de jovens alunos da «Academia» que poderiam ser melhor orientados e aproveitados, na realização de um tal espetáculo. Literariamente a peça é assim algo a ser comparada com Dellz, Ardel ou congêneres. Quanto à direção não sabendo que fazer com tanta gente (40 personagens, diz a publicidade) saltou-a no palco com a ordem de «salve-se quem puder». E o resultado é que o único a fazer alguma coisa de maneira agradável e convincente é o menino Ricardo Melo. E o outro menino — Marcellio Gonçalves — que aparece em uma ponta, natural e espontânea. A platéia, mostrando um certo grau de amadurecimento, aplaudiu friamente. Mas Dulcina deve estar eufórica com a oportunidade de apresentar infinidade de toaletes luxuosíssimas e com a situação econômica de sua companhia (ou academia?) pois só estando em situação excepcional poderia se abalarçar a um tal empreendimento. No mais, se a vida é um banquete, tolice repete muitas vezes, é um banquete terrivelmente indigesto. E o espectador desavisado correrá o risco de séria intoxicação.

ROTEIRO DOS TEATROS

Continua a programação do Teatro São Jorge a R. Teatral, para publicação em três atos. No Ginástico, o Panorama Vista da Ponte deverá ser substituído no dia 20 e não haverá outro adiamento. Abílio de Almeida que ainda não vimos, se mantiver em cartaz no Copacabana. A Companhia de Alvaro Susanna continua o Teatro Tijuca, com a última criação de Agildo Ribeiro. As companhias Abel Garcia, e Eva Tunaç apresentam, respectivamente, as peças: Cinderela de Carlo e Play Boy para seu público, que vai bem vultoso, mas se atrapalhar com o que vê. A revista também continuará, sofrendo agora a intervenção da Companhia Brasileira de espetáculos musicais que vem tendo muita saída com De Cabral a JK, exemplo de como se pode fazer um espetáculo limpo e sadia.

BEATRIZ BANDEIRA

«MACHADO DE ASSIS», de Astrojildo Pereira, lançado recentemente pela Livraria São José, encontrou merecida aceitação por parte do grande público leitor. O interesse crescente pela obra do criador de Dom Casmurro estende-se aos que lhes estudam a obra. E Astrojildo Pereira o faz como verdadeiro mestre da crítica e conhecedor profundo de Machado de Assis. Por isso mesmo seu último livro não só desaparece rapidamente das prateleiras, como encontra apreciações críticas que o situam com justeza entre os melhores estudos já publicados sobre Machado de Assis. De artigos aparecidos sobre o «Machado de Assis» de Astrojildo Pereira reproduzimos a seguir alguns trechos:

DO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO «CORREIO DA MANHÃ»

Apesar do inflacionismo de Machado de Assis, este livro de Astrojildo Pereira vinha sendo aguardado com grande interesse, pois o autor, um dos maiores conhecedores da obra machadiana, é dos que melhor têm sabido analisá-la...

... Temos aqui a crítica esclarecida de quem, possuindo suas convicções filosóficas, não se transforma em dogma. O livro divide-se em duas partes. A primeira reúne vários estudos longos e substanciais, como «Romancista do Segundo Reinado», «Instinto e Consciência de Nacionalidade», «Crítica Política e Social», «Antes e Depois do Bras Cubano», «O mal e o bom Machado», etc. A segunda, a que o autor deu o título geral de «Apontamentos Avulsos», encerra duas dezenas de pequenos estudos, todos muito agudos, debatendo diversos pontos da obra tão complexa de Machado de Assis. (Nota no «Correio da Manhã» de 4-7-59).

DE AFRÂNIO COUTINHO

Os trabalhos de Astrojildo Pereira sobre Machado de Assis, agora reunidos em

DE ASCENDINO LEITE:

No caso de Astrojildo, a obra de Machado é vista sob o ângulo de um esquema crítico que se projeta da formação ideológica do seu autor. É natural, portanto, que tenhamos de divergir em grande parte dos ideais por ele emitidos em torno do nosso maior escritor...

... Abstraidos desse «parti-pris», os ensaios de Astrojildo Pereira no seu «Machado de Assis» são dos mais lúcidos já escritos entre nós sobre o extraordinário romancista, contista, poeta e crítico, enfim o nosso primeiro grande prosador e criador literário. — (Na coluna literária do «Diário Carioca» de 7-7-59).

DE IVAN LINS, DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Nem período em que foram vários os estudos feitos sobre Machado de Assis, o seu livro está entre os mais expressivos e interessantes e particularmente pelo tratamento científico que nos dá temas ventilados, visando a obra de crítica que sempre estabeleceu uma dialética com o leitor. Os capítulos «O mal e o bom Machado», «Crítica política e social», «Instinto e consciência de nacionalidade» — ao lado dos outros, enclopeses na «Apontamentos

livro, têm o mérito de provar que a crítica não pode mais permanecer no plano do impressionismo vago e opinativo, subjetivo e relativista. Ela tem de inspirar-se e fundamentar-se numa doutrina geral, à luz de cujos critérios de valor e à custa de cujos instrumentais metodológicos penetra o fenômeno literário. Baseado no materialismo dialético, Astrojildo Pereira estuda a obra de Machado de Assis como expressão do meio e produto das condições sócio-econômicas do Brasil durante o Segundo Reinado. Prova com isso, em alguns lucidos e seguros ensaios, que Machado é um escritor bem brasileiro, expressão de um determinado clima sócio-econômico. O caráter nacional de sua obra, motivo de dúvida a muitos críticos, salta aos olhos em evidências que escapam à contradição. A sua contribuição, no particular, é definitiva na crítica da obra machadiana, máxime os capítulos «Romancista do Segundo Reinado» e «Instinto e Consciência de Nacionalidade». Igualmente importantes, por outro aspecto, são «Crítica Política e Social» e «Pensamento Dialético e Materialista». — (Um artigo no «Diário de Notícias» de 5-7-59).

DE MIGUEL COSTA FILHO

Astrojildo Pereira demonstra que a emancipação do nosso espírito literário foi uma preocupação constante de Machado de Assis, a vida inteira, desde os mais verdes anos até a velhice. E é de vezo o nacionalismo literário do autor de «Bela-Carioca» uma face da sua personalidade que chegava a ter



Machado de Assis

receios de que o federalismo republicano prejudicasse a unidade nacional, a unidade do Brasil. — (Um crônica no «Journal do Brasil» de 8-7-59).

DE NELSON WERNECK SODRÉ

Raramente xingui a crítica e a história literária, entre nós, o nível em que se colocou Astrojildo Pereira, escritor parco, cuidadoso, seguro de seus instrumentos de análise. Trata-se de um desses livros que nunca deixam de ser consultados e são constantemente retomados à leitura, obra indispensável ao conhecimento de Machado de Assis, e não apenas do grau de romancista, mas do modo de desenvolvimento literário e do método apropriado para a sua interpretação.

Não é aqui o lugar, evidentemente, para uma análise detalhada deste grande livro. O que aqui se pretende, desde logo, é chamar para ele a atenção dos leitores, se é que o desconhecem, porque é impossível interpretar a literatura brasileira sem uma atenta leitura e um conhecimento amplo dessa contribuição excepcional. — (Das Notas de Crítica em «O Semanário» de 1-8-59).

Para os que sabem julgar, fazendo-o diante do concreto, e sem nenhuma restrição ou injunção de pessoa, o grande livro que as comemorações cinquentenárias apresentaram foi o de Astrojildo Pereira. Não é um livro novo. As suas páginas fundamentais foram escritas há alguns lustros. Outras são recentes, e apenas somam-se às já conhecidas, num desdobramento crítico coerente e harmonioso. Este aspecto, da mistura de velhas páginas a novas páginas, não quebra, portanto, a unidade da obra. Ela se apresenta, como as páginas mais antigas já se apresentavam, na posição singular e inovadora de uma perspectiva diferente à compreensão do trabalho criador da arte literária, fixado no exemplo concreto de um grande artista, que foi também um grande intérprete de sua terra e de sua gente. As velhas páginas tinham tido o mérito, para a época importantíssimo, de quebrar uma rotina, de romper com a tradição quanto a Machado de Assis, de que fora um ausente.

O livro de Astrojildo Pereira é um exemplo de segurança, de sobriedade, de objetividade. Assinala um momento em nossa crítica, quando surgem as condições para que ela, correndo a caracterização nacional da literatura que vimos fazendo, pode e deve tomar-se o instrumento capaz de situar valores, estabelecer balanços e abrir perspectivas. Fora disso, é inútil qualquer esforço, embora possa revestir-se de erudição aparente e de brilho artesanal. Em nossas letras, pois, o livro de Astrojildo Pereira se destaca, singular como valor, mas profundamente enraizado no tempo, mostrando que estamos em condições de elaborar trabalhos significativos no campo difícil e específico da crítica. — (Das notas críticas em «O Semanário» de 8-8-59).

DE AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE, PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS:

Outro dia foi apresentado à Academia de Letras o novo livro de Astrojildo Pereira «Machado de Assis», estudos dos vários aspectos da literatura e da vida do grande escritor.

Tudo feito com a seriedade, a honradez e a inteligência da obra de Astrojildo Pereira.

Livro que se tornará imprescindível, no vasto e constante processo de interpretação de Machado, processo que se torna mais denso à medida que a cultura brasileira vai ascendendo. — (Um artigo no «Diário da Noite» de 8-7-59).

DE WALDEMAR CAVALCANTI:

Não é de hoje que Astrojildo Pereira estuda os «mistérios» machadianos, com um faro que nunca o deixa perdido ou solto no labirinto. E para ver como é ele, até hoje, penetrante e bem avisado na compreensão das entrelinhas e das reticências de Machado, o bom é ler o volume em que foram reunidos alguns ensaios e apontamentos de leitura, sobre seu tema predileto («Machado de Assis», ed. da Liv. São José). Advertindo logo que não tem «nenhuma presunção de formular juízos definitivos, ou de descobrir a pólvora» (expressão, diga-se de passagem, em que se pode logo descobrir um acento machadiano), Astrojildo Pereira oferece, no entanto, uma série de indicações verdadeiramente originais para o entendimento do complexo literário que se chama Machado de Assis. Com o comedimento necessário, que é um dos encantos de sua escrita, o ensaísta sugere caminhos novos e faz prudentes incursões de natureza especulativa, não se arrecando nunca de certas afirmações, quanto ao espírito e à bagagem do bruxo de Cosme Velho, mas nunca imprimindo a essas afirmações o tom categórico ou doutoral, mesmo quando em suas palavras se sente o calor da certeza ou um toque de paixão — («O Jornal», 9-8-59).

CINEMA

Da Terra Nascem os Homens

Um bom filme de cow-boys é ainda hoje um excelente programa cinematográfico para adultos e crianças. Tanto uns como outros vibram com a valentia do mocinho, as cavalgadas dos vilões e a ternura da heróina. Por muito tempo, bastou ao «western» a violência e o romantismo misturados meio a meio, para atrair uma legião considerável de adeptos que consagraram Tom Mix, Buck Jones, Roy Rogers e outros heróis. O tempo encareceu-se, porém, de impor modificações profundas no gênero elevando-o a uma categoria artística superior. O modelo do herói atual é bem diferente dos criadores do «western», não se vale apenas da força física, procura lutar pacientemente pela justiça só recorrendo à força quando a isto é obrigado. Desde alguns anos com RIO VERMELHO, CÉU AMARELO, MATAR OU MORRER e OS BRUTOS TAMBÉM AMAM procura-se estudar a psicologia do homem diante do perigo, mostrando que a maior coragem está em superar o medo.

DA TERRA NASCEM OS HOMENS (The Big Country) inscreve-se entre os «westerns» mais característicos desta tendência de incorporar ao esquema básico — violência e amor — a psicologia do medo, do pacifismo sucedendo a truculência pura e simples. William Wyler, diretor que já trilhou todos os caminhos, com passagem pela comédia, drama, filme de «gangsters», volta a um domínio que não lhe é estranho numa obra de grandes pretensões.

O herói de DA TERRA NASCEM OS HOMENS vem da cidade para o campo trazendo em sua bagagem uma cultura variada e o conhecimento de outras paragens. Seu contato com a terra, os hábitos, as lutas de famílias pelo domínio de propriedades, decepcionam profundamente a noiva rica que só compreende o homem pronto a reagir a cada provocação, com os punhos ou de arma nas mãos. Wyler conduz a narrativa de maneira a evidenciar a firmeza de caráter do pacífico Mr. McKay (Gregory Peck) em contraste com os valentões locais até a completa comprovação de sua vigorosa personalidade.

O paento e elegante McKay consegue em pouco tempo a hostilidade geral mas não se desvia de sua atitude ponderada. Rejeita envolver-se nas disputas violentas a cruéis das famílias da região, terminando por adquirir uma fazenda que o torna um mediador entre ambas, graças a um rio que servirá ao uso comum na época da seca. Os germes da violência eclodem, apesar de tudo, pondo de relevo os malefícios da intolerância e da brutalidade com a vitória da coragem moral de McKay.

Wyler faz das três horas de DA TERRA NASCEM OS HOMENS um bom «western» que agrada aos seus adeptos pela excelência da cinegrafia, interpretação e originalidade da história. Porém, na filmografia de Wyler este não será por certo um filme maior. O realizador de SUBLIME TENTACÃO, OS MELIORES ANOS DE NOSSA VIDA, BECO SEM SAÍDA e outras obras mais vigorosas.

No elenco há a destacar os nomes de Gregory Peck, muito a vontade; Jean Simons de agradável presença; Charlton Heston bastante comedido; Burt Ives e Charles Rickford numa caracterização por demais forçada; Carol Becker inconvincente como a fazendeira rica.

GENNYSON AZEVEDO

ALVARO MOREYRA ACADÊMICO

Foi recebida com satisfação pelos círculos culturais do país a eleição do escritor Alvaro Moreyra para a Academia Brasileira de Letras, na última semana.

Cronista, poeta, teatrólogo, ator ele próprio, Alvaro Moreyra é também um nome ligado ao movimento progressista brasileiro. Sua obra, impregnada de um sincero amor à paz, inclui, entre outros livros, «As Amargas não» (que morias), «O Dia nos Olhos» e «Havia uma Oliveira no Jardim» (crônicas). No jornalismo literário, foi diretor de «Parados» e redator-chefe de «Dom Casmurro».

Em 1945, o nome de Alvaro Moreyra figurou entre os diretores do diário político «Tribuna Popular», na qual colaborou, época em que teve ativa militância política progressista.

Retirou a Torre de Petróleo

ARARAQUARA. (SP) (do correspondente). — Está repercutindo da pior maneira nesta cidade o ato do prefeito Rômulo Lupo, mandando recolher ao depósito da Prefeitura uma torre de petróleo erguida no Largo de Santa Cruz. Há um ano, em ato público do qual participou o deputado nacionalista Aguar Bastos.

A medida do prefeito é tanto mais estranhável quanto é sabido ser ele um administrador eficiente e, além, disso, tendo em vista o fato de que prestigiosos elementos nacionalistas, entre os quais o vice-prefeito Benedito de Oliveira, intercederam pela manutenção da torre no Largo de Santa Cruz. Alegou o prefeito que foi pressionado por fortes interesses e por isso cedeu. Segundo consta aqui, tais elementos, liderados por um inspetor da Shell, alegaram a necessidade de reforma no logradouro público para obter também o apoio da maioria da Câmara Municipal. Entretanto, os nacionalistas de Araraquara ainda esperam que o prefeito reconsidere o ato, reestabelecendo a torre simbólica na praça pública.



Com a Ajuda Dos Operários Os Lavradores Fluminenses Preparam Sua Conferência

Será instalada no próximo dia 28, no Teatro Municipal de Niterói, com a presença do Governador do Estado e de outras autoridades, a I Conferência Estadual dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Fluminenses, cujos trabalhos prosseguirão durante os dias 29 e 30.

O ato foi convocado pela Associação dos Lavradores Fluminenses e recebeu a imediata adesão de inúmeros parlamentares e líderes sindicais. Os líderes sindicais não só se dirigiram ao governador do Estado solicitando ajuda para a Conferência, como distribuíram listas para a coleta de contribuições destinadas a atender as despesas com a realização de inúmeros atos municipais. O governador do Estado, por outro lado, já se comprometeu a fornecer aos lavradores alimentação e alojamento no Estádio Caio Martins.

TEMARIO

Dentre as questões a serem discutidas na Conferência, incluem-se medidas de reforma agrária, com o aproveitamento das terras devolutas e públicas para entrega aos lavradores que disponham de pouca terra ou que não possuam nenhuma; entrega aos posseiros das terras devolutas por eles já ocupadas; garantia da propriedade da terra, com entrega do título de posse, aos posseiros de São João da Barra, Casimiro de Abreu, Nova Iguaçu, D. de Caxias, Cabo Frio, Itaguaí, Parati, Magé etc.; auxílio gratuito aos trabalhadores rurais e

naqueles produtores agrícolas, no que se refere aos serviços médicos, escolas, saneamento, fornecimento de remédios, adubos, sementes, instrumentos de trabalho e inseticidas.

ATOS PREPARATORIOS

Após a realização com êxito da Conferência Municipal de S. João da Barra e ao entrar na fase final da preparação da Conferência Estadual, os lavradores e trabalhadores agrícolas fluminenses redobram seus esforços e aceleram dia a dia os preparativos da Conferência Estadual.

Em Cachoeira de Macacu, realizou-se a Conferência Municipal com a presença de dezenas de lavradores. No domingo precedente e em preparação da Conferência, realizou-se uma animada festa com a participação de mais de 500 pessoas, para eleição da rainha dos lavradores locais etc. Em Resende, Barra do Pirai e outros municípios, realizaram-se reuniões de lavradores onde foram eleitos delegados à Conferência estadual. Em Vargem Alegre foi constituída uma comissão organizadora da Associação dos Lavradores e Trab. Agrícolas de Barra do Pirai.

Precedida de conferências locais em Japeri e Pedra Lisa, realizou-se a Conferência Municipal de Nova Iguaçu com a presença de mais de 200 lavradores dessas localidades e mais de Santo Antônio e Tinguá. Foi um dos atos mais importantes em preparação da reunião estadual.

Nela foram eleitos delegados à Conferência Estadual representando as Associações de Japeri e Pedra Lisa e os lavradores de Santo Antônio e Tinguá. Uma das resoluções mais importantes foi a Constituição da Associação dos Lavradores, Posseiros e Assalariados Agrícolas de N. Iguaçu, que deve coordenar a atividade de todas as associações existentes no município. Estiveram presentes à Conferência, além dos lavradores locais, o Secretário Interino do Trabalho, Dr. Aldis Leite, o representante do Secretário de Segurança Pública do Estado, um representante da Associação dos Lavradores Fluminenses, o Vice-Prefeito do Município e outras personalidades.

Os lavradores de Casimiro de Abreu prepararam-se intensamente para a Conferência Estadual. Já foi realizada a Conferência de Rio das Ostras, reunindo lavradores e posseiros das fazendas Cantagalo e Rio das Ostras, mais de 300 lavradores e estiveram presentes ao ato. No mesmo dia foi eleita a diretoria da Associação dos Lavradores e Posseiros da Fazenda Rio das Ostras.

Os lavradores de Magé, Caxias e de outros municípios, por outro lado, intensificam preparativos para as Conferências Municipais a serem realizadas dia 23 do corrente. Movimentam-se os lavradores de Macaé, Valença, A. dos Reis, Vassouras, Trajano de Moraes e outras localidades para trazerem suas representações à

conferência Estadual. Uma delegação de dirigentes sindicais de Cabo Frio (Sindicato da Construção Civil e da Alcalis), visitou os lavradores da Fazenda Botafogo e ficou decidido reorganizar-se a associação local, sendo ainda constituída uma comissão de 5 membros para percorrer os Sindicatos, Câmara etc. do Município em busca de meios financeiros para enviar sua delegação a Niterói.

No Norte Fluminense, prepara-se ativamente a Conferência local, marcada para o próximo dia 23, com ajuda do movimento sindical e dos trabalhadores rurais, re-

presentado pelo Sindicato dos Empregados Rurais e dos Trabalhadores na Indústria da Cana de Açúcar e demais sindicatos de trabalhadores. Na Fazenda Grande no Segundo Norte do Imbé e outros locais os lavradores preparam suas assembleias para eleger delegados à Conferência do Norte do Estado, à qual deverão estar presentes delegados dos vários municípios da região, assalada, no momento, por uma seca devastadora. Também os lavradores do Km. 50 da Rio-São Paulo, compreendendo Piranema e outras localidades e, organizam-se para o ato do dia 28.

ELEIÇÕES NA FEDERAÇÃO DOS JORNALISTAS

APOIADA PELO SINDICATO DO RIO A RECONDUÇÃO DE MARCELO TAVARES

Preparam-se os jornalistas profissionais para renovar a diretoria da sua Federação. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro e entidades de outros Estados estão empenhados em assegurar um sentido nitidamente profissional à nova direção, com o propósito de criar condições para a vitória das reivindicações profissionais.

Ouvindo sobre o assunto, o jornalista João Antônio Mesple assim se manifestou:

— O Sindicato do Rio, preocupado em ver na direção da Federação um legítimo profissional, havia sugerido o meu nome à consideração dos demais órgãos sindicais. Embora honrado com a distinção, ao ser informado da existência de um movimento para reconduzir à presidência o jornalista Marcelo Coimbra Tavares solicitei ao Sindicato a retirada do meu nome e o apoio ao de Marcelo. Dessa forma, hoje o Sindicato do Rio está empenhado em ver vitoriosa a candidatura do atual presidente.

Trata-se de um profissional capaz que trabalhou dedicadamente em sua primeira gestão e dispõe de condições para realizar um trabalho melhor nos dois próximos anos. Basta considerar que caberá a futura Diretoria encaminhar o problema da nova lei dos jornalistas para avaliar o que significa a eleição. Marcelo Tavares, morando no Rio, estará em con-

dição, logo no dia seguinte no da sua posse, de atacar de frente as questões fundamentais de categoria profissional.

Quanto aos demais cargos — prosseguiu o jornalista Mesple — estamos em fase de entendimentos, visando a composição de uma chapa que una os verdadeiros profissionais, sem distinção de Estados ou regiões. Os nomes que irão ocupar tais cargos serão indicados pelos Sindicatos respectivos. Um exemplo: a secretaria-geral deverá caber ao Sindicato do Rio que indicará aquele nome que melhor possa representá-lo. Dessa forma se comporá uma diretoria de elementos capazes e também uma diretoria apoiada pelos Sindicatos e, por isso mesmo, em condições de realizar o programa traçado.

Finalmente, cabe lembrar que o registro das chapas será feito no prazo de 24 horas antes da realização das eleições, marcadas para o dia 1º de setembro. Até lá o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro e os demais que com ele formam prosseguirão em seus esforços para reconduzir o jornalista Marcelo Tavares como uma garantia de defesa intransigente dos legítimos interesses profissionais.

UNIDADE PARA A VITÓRIA NA BATALHA DA PREVIDÊNCIA

ROBERTO MORENA

O senador Alô Guimarães (PSD-Paraná), relator do Projeto sobre a Lei Orgânica da Previdência Social, leu seu parecer na Comissão de Economia. Novas emendas foram feitas. Ao que consta (ainda não está publicado esse parecer) são mais de sessenta emendas. Segundo suas declarações, orientou-se o relator no sentido do equilíbrio entre as reais possibilidades econômicas do país e a concessão de novos benefícios. Essas palavras causam apreensões, pois de há muito se fala em afalancamento da previdência social, e com isso o que se pretende é reduzir os benefícios. Entretanto, a seguir, afirma também que serão mantidas todas as melhorias atuais sem aumentá-las, os que são regidos por leis especiais. Este é um ponto que tem sido muito discutido nas reuniões sindicais, e precisa ser bem definida e assegurado. É contrário o parecer (louvável nas declarações do relator) a aposentadorias especiais, como, por exemplo, as das atividades consideradas insalubres e perigosas, se bem que garante que se deve respeitar a dos aeronautas.

Este é um dos pontos mais discutidos na previdência social. Tem dado motivo a que não se chegue a uma justa compreensão e unidade entre os dirigentes sindicais de todas as categorias profissionais. Essa incompreensão tem prejudicado enormemente a luta dos trabalhadores e do movimento sindical e impedido que se manifestem de forma unânime, exigindo que os senadores e deputados acabem de vez com a tramitação do projeto. Já existe uma Comissão de Estudos, que se compõe de representantes de todas as Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais. Proceder a um exame sério e consciencioso e entregou-o ao Senador Lima Teixeira para a elaboração de seu relatório. Nêle estavam condensadas as principais reivindicações de todos os segurados. É bem verdade que o relatório desse parlamentar não respeitou in totum o trabalho. Mas isso está sendo reexaminado e já houve nesse sentido novas reuniões com o senador Lima Teixeira, que é relator do projeto na Comissão de Serviço Público, para a reificação de muitos pontos que no seu relatório não ficaram claros e deixaram dúvida. Além disso, há ainda a plenária do Senado e a sua volta à Câmara dos Deputados, onde esperamos será mantida muito de sua redação original.

Mas agora foi criado mais um órgão de unidade para lutar pela sua aprovação: Frente de Unidade Intersindical, que abarca as organizações sindicais dos marítimos, ferroviários, entre outros. Não categorias profissionais que têm seus interesses ligados à CAPFESP.

Essa divisão que se está criando entre os organismos sindicais no momento em que se prepara o está em desenvolvimento uma ação nacional da classe trabalhadora, e não de um grupo de trabalhadores de categorias profissionais variadas, dificultará uma vitória rápida e segura da campanha iniciada no dia 7 de agosto. Não se justifica essa dispersão de esforços. Por acaso, os interesses dos trabalhadores do mar, do ar e dos transportes não estão ligados aos demais categorias profissionais? Será que os demais trabalhadores não desejam e não lutam para que os marítimos, ferroviários e aeronautas tenham uma melhor previdência social? Não estão todos lembrados que os trabalhadores na indústria e comércio tinham menores direitos que os outros e longe de lutarem contra isso conseguiram que seus benefícios fossem equiparados aos dos bancários? Não foi melhor assim?

Não se justifica a criação de tantas frentes. Uma pergunta: A CNTI não lançou uma palavra de ordem justa, adotando a resolução do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Têxteis? Se é justa essa palavra de ordem, por que não se estabelecer entre todos os organismos sindicais de caráter nacional um só comando e uma só orientação? Na Comissão Nacional de Estudos há representantes de todos esses organismos. Por que há, então, pronunciamentos separados de cada organismo que compõe essa Comissão?

Lembrem-se os dirigentes sindicais que parlamentares, empregadores e os magnatas do seguro de acidentes do trabalho valem-se disso, para estabelecer confusões e retardar a tramitação do projeto que dormita no Senado. Urge que se elabore em definitivo um único documento que contenha as reivindicações de todos e que não seja a expressão de vaidades de uns ou de detalhes particular de outros.

Em nome dos interesses gerais dos trabalhadores e de milhares de aposentados e pensionistas, forme-se uma verdadeira frente sindical de luta, que comande a campanha e leve vitoriosa a desejada aspiração dos trabalhadores: a lei orgânica da previdência social aprovada até 3 de outubro deste ano.

A UM MÊS DA I CONFERÊNCIA DA ULTAB

LYNDOLPHO SILVA

Dentro de um mês, ou, mais precisamente, nos dias 18, 19 e 20 de setembro próximo, reunir-se-á, em São Paulo, a I Conferência da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil.

Em vários Estados, aceleram-se os preparativos para a escolha dos delegados das organizações filiadas, aderentes ou afins da ULTAB, que, segundo as normas da conferência, participarão dela com direito a voz e voto. Delegados também estão sendo eleitos em assembleias municipais, distritais e locais (fazendas, usinas, etc.). No Estado do Rio de Janeiro realizar-se-á uma conferência estadual de lavradores, na qual reunir-se-ão os representantes eleitos em dezenas de municípios do Estado. As associações de lavradores dos municípios paulistas estão convocando para o decorrer deste mês assembleias preparatórias. De todos os recantos do Brasil afluirão para São Paulo, onde são esperados, os porta-vozes dos agricultores, ansiosos por debater e confrontar opiniões a respeito das múltiplas questões que os afligem.

A I Conferência da ULTAB deverá debater e se pronunciar sobre diferentes aspectos da reforma agrária necessária ao nosso país. A conferência examinará as implicações econômicas e sociais da questão e o comportamento do Congresso Nacional, no último decênio, ante as dezenas de projetos de lei agrárias que por ele transitaram. Com toda a certeza a conferência formulará uma série de opiniões sobre a natureza das medidas de reforma agrária que o Congresso Nacional deverá aprovar.

A realização da I Conferência da ULTAB coincide com a reativação do debate sobre a reforma agrária, do qual participam representantes de todas as correntes políticas e forças sociais. Atra-

ves da I Conferência da ULTAB, os lavradores e trabalhadores do campo poderão sistematizar o seu pensamento e oferecer uma contribuição valiosa ao encaminhamento das soluções que não podem mais ser adiadas. Trazendo os camponeses, de modo organizado, para a discussão e o encaminhamento das soluções do problema da terra em nosso país, a ULTAB cumpre uma função altamente positiva no processo de formação de um poderoso movimento de opinião pública, sem o qual as resistências dos setores reacionários do Parlamento não poderão ser vencidas. Sem dúvida, são os camponeses os que devem formar a massa fundamental integrante desse movimento. Para a realização do seu papel, a ULTAB vem contando com o apoio do movimento sindical operário e de personalidades filiadas a diferentes partidos.

A I Conferência da ULTAB ocupará-se, também, do exame da atual situação das organizações de lavradores e trabalhadores agrícolas. Estas têm vivido experiências preciosas e variadas, cujo estudo em profundidade é indispensável para que se possa apontar os rumos mais acertados do desenvolvimento da atividade organizativa das massas rurais.

Cada uma das questões que compõem a ordem do dia da I Conferência da ULTAB poderá ser mais bem avaliada e as decisões poderão ser mais acertadas, na medida em que a conferência reflita a complexidade dos problemas e confronte as múltiplas experiências e opiniões. Neste sentido, o êxito da Conferência depende, antes de tudo, do empenho com que as organizações estaduais, municipais e locais dos lavradores e trabalhadores agrícolas se lancem para aproveitar o curto período que nos separa da conferência.

Ferrovários preparam-se para a greve

Os ferroviários da Central do Brasil continuam se preparando para a deflagração da greve geral, caso a Diretoria da Rede Ferroviária não resolva atender as reivindicações formuladas na assembleia realizada no último dia 31, na sede da União dos Ferroviários do Brasil, onde os trabalhadores deixaram claro que o limite de sua paciência se esgotará no próximo dia 30.

Em várias assembleias vêm sendo realizadas nos principais locais de concentração de trabalhadores da Central. No último dia 16, realizou-se a assembleia de Três Rios; para o próximo dia 23 está programada a de São Paulo; e no dia 31 do corrente haverá nova assembleia geral nesta Capital, onde serão apreciados os rumos dos entendimentos e decidido, definitivamente, se deflagram ou não a greve geral.

Os ferroviários, como já notificamos em edição anterior, reivindicam: a) salário mínimo de seis mil cruzeiros; b) cálculo do abono provisório de 30 por cento sobre o mínimo de seis mil; c) extensão do abono provisório ao pessoal de obras, faroleros e funcionários já admitidos pela Rede.

DEFENDE TEU DIREITO

B. CALHEIROS BOMFIM

para: NOVOS RUMOS ou Rua São José, 50

Colono

A natureza jurídica da situação do colono tem sido objeto da mais variada interpretação na Justiça do Trabalho. Ultimamente, a orientação dominante é no sentido de considerá-lo um trabalhador subordinado, remunerado à base de empreitada ou tarefa e com direito a algumas vantagens trabalhistas, notadamente o salário-mínimo e férias anuais.

Concorrência

É possível a demissão do empregado que, sem o consentimento de sua empregadora, presta serviços para outra empresa concorrente. A isto se chama concorrência desleal, ato que a lei prevê como uma das justas causas para a dispensa do empregado. Também, pela lei, tem o trabalhador o dever de fidelidade, considerando-se falta grave a revelação de segredo profissional.

Condenação criminal

A Consolidação das Leis do Trabalho facultou ao empregado o dispensa o empregado que tenha sido condenado por sentença criminal transitada em julgado, não importando que o motivo de que se originou o processo seja estranho às suas relações com o patrão. Se, entretanto, a decisão condenatória não passou em julgado e o empregado, em grau de recurso, vem a ser absolvido, tem ele o direito de reassumir o emprego, ao recuperar a liberdade. Todavia, em circunstâncias especiais, os juízes, mesmo nesta hipótese,

autorizam a rescisão do contrato de trabalho, principalmente quando entendem que os fatos em que se viu envolvido o empregado incompatibilizam este com a natureza do serviço por ele prestado.

Contrato de trabalho

Este pode ser expresso ou tácito, ou simples carteira profissional ou não, resultando o último das próprias condições em que o empregado presta seu trabalho. O contrato pode ser ajustado para obra certa, por prazo fixo ou por prazo indeterminado, sendo o último o tipo mais corrente entre nós. Está incluído em uso o chamado contrato de experiência, que consiste na admissão do empregado para trabalhar menos de um ano, a título de prática, com o direito de rescisão em qualquer tempo, sem obrigação de pagamento de aviso prévio. Essa modalidade de contrato não é autorizada na lei, e evidentemente é usada para possibilitar a dispensa do trabalhador sem o aviso prévio. A Consolidação já dispõe que antes de completar um ano o período de serviço o empregado de experiência e, por isso mesmo, somente confere ao empregado, dispensado antes de completar doze meses de casa, o aviso prévio. Mas, infelizmente, os Tribunais, fazendo coincidir sua interpretação com os interesses patronais, vêm se orientando no sentido de admitir a legitimidade de tais contratos de experiência. Consagra-se, assim, a burla ao direito de aviso prévio.

CEEB: PEDRA NO CAMINHO DO PROGRESSO DA BAHIA

BOND & SHARE TOMA NOVAS MEDIDAS CONTRA O BRASIL

AS MAIS RECENTES INSTRUÇÕES VINDAS DA MATRIZ PARA AS SUBSIDIÁRIAS DO TRUSTE NO BRASIL

A SUBSIDIÁRIA DA BOND & SHARE DURANTE DEZENAS DE ANOS SÓ TEVE UMA PREOCUPAÇÃO: LUCROS ESPECULATIVOS — SABOTAGEM CONFESSADA CONTRA A EMPRESA MISTA CRIADA PELO GOVERNO DO ESTADO — DOIS DEPOIMENTOS INSUSPEITOS: GENERAL PIO BORGES E ENGENHEIRO WALDEMAR DE CARVALHO — ESTA DEMORANDO A COMISSÃO DE TOMBAMENTO

É evidente que o objetivo das concessionárias é obter lucros especulativos e não servir ao público. Tanto que, ultimamente, sua preocupação exclusiva é revender aos consumidores energia comprada em grosso. Esta declaração textual foi feita pelo general Pio Borges, presidente do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, em depoimento prestado, um mês atrás, diante da Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga a situação das empresas concessionárias de serviços de eletricidade. A categórica e insuspeita afirmação daquela alta autoridade é plenamente confirmada pelos fatos. Para não mencionar outros exemplos — e os encontramos em cada um dos Estados do Brasil, onde operam tais companhias — vejamos, nestas notas, o que se passa na Bahia, com a subsidiária da Bond & Share.

MR. GOODRICH EM ATIVIDADE

Nos últimos meses, a opinião pública da Bahia vem acompanhando com grande interesse o debate travado entre o americano Mr. Goodrich, principal diretor da Companhia de Energia Elétrica da Bahia (CEEB), subsidiária da Bond & Share, e o "Jornal da Bahia", que fez porta-voz dos anseios da população da grande Estado de poder contar com energia elétrica abundante a preços mais acessíveis. Na raiz dessa polémica está a incapacidade, ou melhor, a desídia da CEEB em relação aos compromissos assumidos para com os poderes públicos e a população. Operando na Bahia há dezenas de anos, aquela empresa estrangeira teve como preocupação exclusiva auferir lucros polidos. Não cuidou de ampliar suas instalações de modo a poder acompanhar o progresso da região e hoje sua função consiste principalmente em distribuir a energia produzida em Paulo Afonso, a preços justamente considerados exorbitantes. Mais ainda, com a próba entre as garras, tudo vem fazendo para impedir que uma outra empresa, a COELBA organizada em bases mistas, com capitais do Estado e de particulares, resolva o vital problema do fornecimento de energia à capital do Estado e aos municípios do Recôncavo, onde são traçadas as perspectivas de progresso. Juntando-se às queixas do Centro das Indústrias da Bahia, dos técnicos da Petrobrás e da população em geral, a Assembleia Legislativa do Estado aprovou por unanimidade uma moção condenando a empresa americana, notadamente devido aos elevados preços que cobra pela energia que distribui.

Em tal situação, Mr. Goodrich vem se desdobrando em entrevistas pela imprensa e pelo rádio, procurando mostrar que não é verdade o que toda a Bahia sabe ser verdadeiro.

CEEB: TARIFAS MAIS ALTAS

Uma das reportagens publicadas pelo "Jornal da Bahia" mostra como são elevados os preços cobrados pela CEEB. Para isso, estabelece uma comparação com as tarifas da COELBA. E dá um exemplo: um consumidor residencial que utilize 100 KWH por mês paga, atualmente, em Salvador (CEEB), Cr\$ 3,23 por KWH, enquanto que nas zonas servidas pela COELBA (Mata de S. João, Camaçari, Dias Davila, Pojuca, Catu etc.) o preço é de Cr\$ 2,85. Se se tomar o consumo industrial, a diferença será ainda maior: Cr\$ 3,40 para o KWH fornecido pela CEEB contra apenas Cr\$ 1,90 para o fornecido pela COELBA.

NENHUMA JUSTIFICATIVA

Tais números publicados pelo mencionado jornal e não contestados por Mr. Goodrich, são tanto mais inofensivos quanto a CEEB possui uma série de vantagens relativamente à COELBA. Diz, a respeito a referida publicação tratando da disparidade referida: "Isto já seria um absurdo se houvesse igualdade de condições entre a CEEB e a COELBA. Tal igualdade de condições, entretanto, não existe. A energia distribuída pela COELBA em seu sistema local, fornecida pela CHESP (Companhia Hidrelétrica de S. Francisco) é de origem térmica, produzida pela turbina de Cotegipe, sendo a Cr\$ 1,40 o KWH. Enquanto isto a CEEB recebe da CHESP a energia elétrica produzida em Paulo Afonso, muito mais barata, a apenas Cr\$ 0,623 o KWH, sem falar na energia de Bananeiras, cujo custo não é superior a Cr\$ 0,15 por KWH. Logicamente, se a COELBA utilizasse os mesmos processos que a CEEB, suas tarifas deveriam ser bem mais baixas."

Outro argumento apresentado em favor da COELBA consiste em que o número de consumidores atingidos pela CEEB é muito maior do que a nova empresa baiana. Para 52.762 consumidores a CEEB a COELBA serve apenas no seu sistema local, a 2.300 consumidores. E, segundo a quantidade de energia fornecida, a vantagem da CEEB é muitíssimo maior. Apesar disso, as tarifas do truste são mais altas. Por fim, convém recordar que enquanto os investimentos feitos pela COELBA são recentes (nos últimos anos,

e portanto ainda em fase de amortização, os da CEEB, todos com dezenas de anos, já estão pagos várias vezes.

A LINHA BANANEIRAS-CRUZ DAS ALMAS

Outra questão que vem interessando vivamente a opinião pública da Bahia é a do abastecimento de energia à região de Cruz das Almas-Castro Alves, S. Filipe, Santo Antônio de Jesus, Nazare, Sapeaçu, Conceição do Almeida, Aratupe e Jaguaribe. Este problema suscitou discussões entre estudantes, industriais, na Assembleia Legislativa, etc., e por unanimidade as manobras da CEEB para apoderar-se do abastecimento da região foram condenadas. Sucede que durante dezenas de anos a empresa estrangeira nunca manifestou qualquer interesse em levar a energia elétrica àquelas municipalidades. Hoje, quando são visíveis as possibilidades de progresso, ela disputa deseperadamente o monopólio da distribuição, competindo com a COELBA que tem, inclusive, um plano mais econômico.

Nesse sentido, Mr. Goodrich fez um pronunciamento categórico, em resposta a um ofício do Conselho Nacional de Águas: "Jamais deixaremos de fazer os esforços necessários para evitar que a responsabilidade de distribuição de energia em Cruz das Almas seja feita pela COELBA."

Entretanto, a inequívoca existência da opinião pública e do sentido contrário e, a menos que as autoridades estaduais e federais cedam ao truste, será a empresa nacional e não a CEEB que caberá a distribuição da energia na mencionada zona.

PRONUNCIAMENTO DA DIVISÃO DE ÁGUAS

Que é justíssima a pretensão dos baianos, confirma-o também o parecer do engenheiro Waldemar José de Carvalho, diretor da Divisão de Águas do Ministério da Agricultura, no processo que lhe foi distribuído, sobre a questão, no Conselho Nacional de Águas. Como se sabe, nunca houve áreas de arbitrio — apesar de todos os pesares — entre a Divisão de Águas e os trusts da eletricidade. Diz, entretanto, o mencionado técnico: "O aspecto econômico alegado pela CEEB, no caso de ser ela a distribuidora, não é de ser levado em consideração, porque ela nunca providenciou aumento de sua capacidade produtora até a entrada em serviço da usina de Paulo Afonso; agora, que é apenas uma distribuidora da energia produzida pela CHESP, acha que lhe deve caber a primazia de distribuição". E, logo depois, declara de modo taxativo: "A distribuição da energia de Paulo Afonso é preferível que

fique com um órgão do Poder Público, do que com uma entidade privada, que se descurou em acompanhar o progresso de sua zona de concessão".

COMISSÃO DE TOMBAMENTO

As tarifas da CEEB são consideradas tão altas que o Centro das Indústrias da Bahia promoveu uma ação judicial contra os preços exorbitantes cobrados pelo truste. Ao mesmo tempo, técnicos da Petrobrás em Salvador e no Recôncavo opinaram que é preferível construir novas instalações para distribuir a energia da CHESP, do que valer-se da CEEB, tão caras são os seus serviços.

Por sua vez, o Governo da Bahia, ainda em 1958, solicitou à Divisão de Águas do Ministério da Agricultura a constituição de uma Comissão de Tombamento para apurar os bens e investimentos da CEEB, de modo a permitir um cálculo mais rigoroso de suas tarifas. Até hoje, porém, tal comissão ainda não foi constituída. Se a Divisão de Águas está desparelhada de pessoal técnico, por que não constitui a comissão com engenheiros e contabilistas do Governo da Bahia, que os há e com elevado grau de competência?

O que não tem defesa e a continuação do atual estado de coisas, em que a população canaliza rios de dinheiro para os cofres da Bond & Share e o progresso industrial do Estado vê-se muito dificultado pela atual política de energia elétrica.

Até os que...

(Conclusão da 3ª página) a que ele chama "ideologias vetadas", nossa opinião acorda inteiramente com a dele, quanto à certeza de que o comércio indiscriminado com os países socialistas resultará em grande benefício para a economia brasileira e para o nosso povo; isso é o que todos desejamos, e por isso é que devemos exigir do Governo brasileiro, para já, o retamento de relações com a União Soviética. O próprio Presidente Kubitschek, na conferência que pronunciou no Rotary Club de São Paulo, no último dia 14, reconheceu: "Temos que vender mais, há que ampliar as correntes tradicionais de exportação e procurar mercados novos para nossos produtos. Aprender as oportunidades do Ministério das Relações Exteriores senhor Horácio Lacerda, que, ao assumir a Pasta, manifestou o seu propósito de fazer sentir a presença do Brasil onde quer que se apresentem novos clientes para nossos produtos". Passamos, pois, das palavras ao ato.

Em Belo Horizonte, como em Recife, Salvador, Natal ou Maceió onde quer que a American & Foreign Power Co. (Bond & Share) tenha um dos seus tentáculos, há um movimento da opinião pública contra os péssimos e caros serviços prestados. Por quê? Será uma "campanha comunista organizada", como querem fazer crer certos porta-vozes do truste? A causa, claro está, não é esta, mas sim o estado de descalabro a que a voraz empresa estrangeira permitiu chegar os serviços públicos de que tem monopólio.

O mais grave, porém, é que a Bond & Share não mudou de política. Estamos seguramente informados que, de acordo com diretivas recentes vindas da matriz, nos Estados Unidos, as Empresas Elétricas Brasileiras (que dirigem as diversas subsidiárias da B & S no Brasil) concentrarão, doravante, toda sua atenção, em apenas três regiões do país: ESTADO DO RIO (Cia. Brasileira de Energia Elétrica), PARANÁ (Cia. Força e Luz do Paraná, notadamente o projeto da hidrelétrica de Guaicuma) e S. PAULO (Cia. Paulista de Força e Luz, principalmente na usina de Peixotos, cujo pleno funcionamento, aliás, dependerá das obras em curso da central de Furnas).

Nos demais Estados da Federação, as ordens são no sentido de que as subsidiárias convertam em dinheiro tudo quanto não seja indispensável para a imediata produção e distribuição de energia. Além disso, folhetes ordenado que o emprégo eventual de qualquer material deverá ser feito através da própria subsidiária, a preços reajustados na base de uma

nova e futura aquisição do mesmo material.

Ao mesmo tempo, a B & S tomou medidas para dispensar sumariamente os funcionários que por qualquer forma se manifestem a favor do Brasil em face da política de rapina do truste americano.

Todas estas providências revelam que a aspiração da Bond & Share no Brasil é tornar-se revendedora da energia produzida por outrem, desde que os poderes públicos financiem, garantam-lhe os lucros, assim como as remessas a taxas especiais.

UM EXEMPLO: BELO HORIZONTE

Típica dessa política da B & S, que não se pode rigorosamente chamar de nova, é o que está ocorrendo em Belo Horizonte. Em face da onda de indignação que se levantou naquele Estado, em seguida ao corajoso ato do governador Brizola, encampando a subsidiária gaúcha do truste, o presidente da American & Foreign Power Co., Mr. Harry Sargent, veio ao Brasil e prometeu tomar providências. Que providências foram tomadas? A remessa para Belo Horizonte de onze motores que se achavam em Cuba e já fora de uso, por antieconômicos. Muito bem. Os motores estão funcionando (note-se bem que são emprestados por dois anos e não investidos, como capital novo), mas a situação continua a mesma. Os jornais de Belo Horizonte vêm publicando sucessivos "avisos" do almirante Miguel Magaldi, "coordenador" nomeado pelo presidente da República, advertindo a população de que está gastando energia demais... Não será isto demais para a paciência do povo mineiro?

Rui Facó sobre Euclides da Cunha



O escritor e crítico Rui Facó pronunciou terça-feira última, na Associação Brasileira de Imprensa, a anunciada conferência sobre "Evolução do Pensamento de Euclides da Cunha". O escritor Astrojildo Pereira, diretor da revista "Estudos Sociais", fez a apresentação do conferencista, que foi muito aplaudido pela numerosa assistência. Na foto, o nosso companheiro Rui Facó quando lia o seu importante trabalho sobre o autor de "Os Sertões".

NOTA ECONÔMICA

REALIDADES DO COMÉRCIO COM A URSS

A falta de argumentos válidos e diante da eficácia cada vez menor dos preconceitos obscurantistas, os adversários das relações com os países socialistas recorrem à grosseria falsificada dos fatos. Uma invenção muito utilizada na propaganda anti-soviética é a de que a URSS só compra os produtos subdesenvolvidos não para consumir os seus produtos mas para reexportá-los. O coronel D. Jaime Câmara se fez ardoroso divulgador desta calúnia e o "Correio da Manhã", embora se afirme adepto do realismo, imitava recentemente, num ídolo, que a URSS havia comprado café da Colômbia para vender aos Estados Unidos!

Tais acusações jamais tiveram a confirmação de provas oficiais. Trata-se de pueris invenções, quãdo fabricadas para impedir o intercâmbio econômico entre os países socialistas e os países subdesenvolvidos. Sem provas concretas — que não existem — nenhuma pessoa de bom senso aceitará como verdadeiro o que a URSS tivesse comprado café da Colômbia para revender imediatamente aos Estados Unidos, cujas campanhas anti-soviéticas carecem de fatos dessa ordem. Em editorial na semana passada, o "Globo" deu significativo passo à frente, pois admite o comércio brasileiro com a URSS e propõe mesmo que um acordo bancário seja concluído para concretizar tal comércio. A edição de "O Globo" de esta tese só indica que ela está vitoriosa, que nem mesmo o coronel D. Jaime pode impedir a sua aplicação. O jornal do sr. Roberto Marinho insinua, porém, que a URSS deve se limitar o comércio, isto é, não deve pensar, por enquanto, em relações bilaterais. Ora, sem estas, as relações comerciais

se verão necessariamente limitadas a um nível baixo. Naturalmente, sempre haverá vantagens nas trocas comerciais, mas, como é evidente, a amplitude dos negócios depende, em grande parte, da existência de relações diplomáticas. Sabendo disso, o "Globo" prenuncia o fracasso da tentativa de comércio com o país dos Soviéticos.

O curioso é que não faz muito os jornais mais insuspeitos noticiaram dois fatos bastante significativos. A URSS comprou couros da Argentina, o que imediatamente melhorou a colação do produto no mercado internacional. O mesmo ocorreu com o açúcar. O preço mundial havia chegado ao mais baixo nível de 1941. Foi bastante a compra de 170.000 toneladas de açúcar cubano pela URSS para que a cotação internacional do açúcar melhorasse sensivelmente.

O comércio com a URSS, mesmo quando não atinge, de imediato, grandes volumes, tem, assim, o importante resultado de restringir a área de manobra dos monopólios norte-americanos, que não poupam recursos para forçar, a baixa dos preços dos produtos dos países subdesenvolvidos.

Observe-se que açúcar e couros figuram na

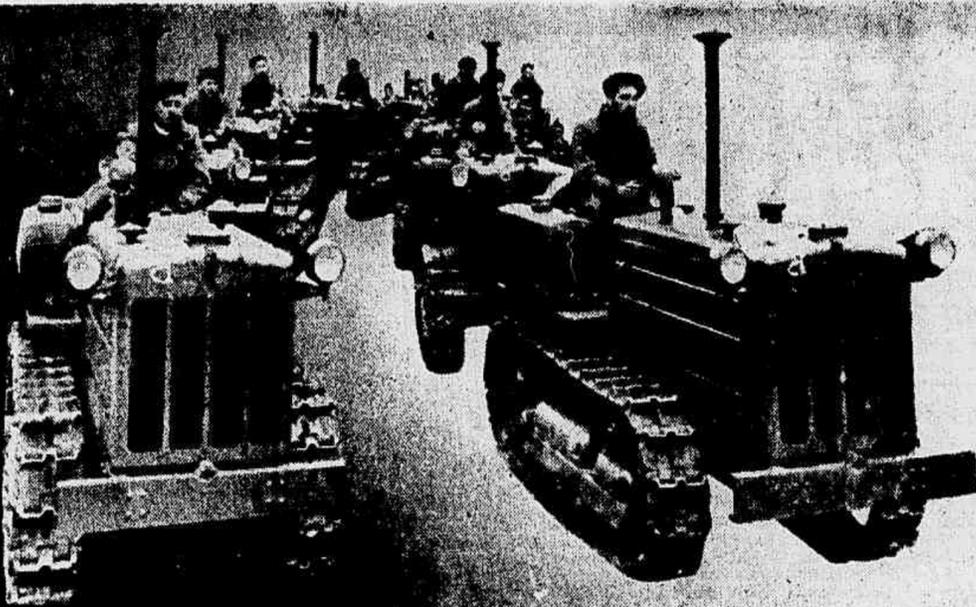
pauta de exportação do nosso país. A URSS já por diversas vezes manifestou o propósito de fazer compras desses produtos no Brasil. O "Globo", entretanto, argumenta que só nos interessaria vender à URSS café e minério de ferro. Ora, como os soviéticos não bebem café e possuem produção própria de minério de ferro, não há interesse em comerciar.

O solismo é grosseiro. Quanto ao minério de ferro, não resta dúvida que a URSS não recusa importá-lo. Todavia, outros países socialistas, como a Polónia e a Tchecoslováquia, são importantes compradores do minério brasileiro. No ano passado aqueles dois países adquiriram, em conjunto, cerca de 10 milhões de dólares do nosso minério de ferro ocupando a Polónia o 4.º e a Tchecoslováquia o 5.º lugar entre os países compradores. Se, porém, passarmos ao café, não há porque manter uma expectativa pessimista. O consumo de café na URSS tem aumentado e aumentará muito mais, havendo condições favoráveis de intercâmbio. A verdade é que enquanto o Brasil vacila, a Colômbia, a Etiópia e outros países cafeicultores vão colocando a sua produção no mercado soviético.

Convém não esquecer o cacau. Dê-lo não temos, por enquanto, excedentes, mas os termos em futuro próximo, uma vez que a produção mundial está em ascensão e pode superar em certo momento a capacidade de consumo dos mercados tradicionais. Acontece que a URSS é um dos países que mais aumentaram o consumo de cacau nos últimos anos. Da importação de 6,5 mil toneladas, em 1950 passou para 40 mil em 1957. Não é possível ignorar este fato, quando a cotação da libra, preço do cacau baiano baixou de 43 centavos de dólar no ano passado para 34 cents atualmente e o sr. Tosta Filho, diretor da CADEX, anuncia em Londres que o preço mínimo será de 22,5 cents. Mesmo que não tenhamos excedentes significativos, o comércio direto com a URSS promoveria sobre a cotação do cacau um efeito semelhante ao verificado nos mercados dos couros e do açúcar. Mas, agora os cálculos imediatistas, é necessário voltar os olhos para o futuro e considerar que, dentro de poucos anos, a URSS, que já é o 6.º importador mundial de cacau, ocupará o 2.º ou 3.º lugar no consumo mundial do produto.

O comércio com a URSS e os demais países socialistas não é um remédio definitivo para todos os males brasileiros. Tampouco exclui a necessidade de comerciar com outras áreas. Colocada a questão nos seus termos mais objetivos, o que cumpre concluir é que o Brasil não se encontra em condições de desprezar um mercado tão poderoso como o do campo socialista. Este mercado lhe é indispensável e poderá contribuir enormemente para o progresso econômico do nosso país. Tal é a conclusão a que chegará todo brasileiro nacionalista.

RUMÂNIA: 15 Anos De Democracia Popular



MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA — A pequena Rumânia tem em seus campos 45.000 tratores, além de outras máquinas agrícolas que ela mesma produz. E não apenas para as suas necessidades, como para exportação também.



... U. STOICA — é o Presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Rumânia

UM ENORME SALTO PARA O PROGRESSO E O BEM-ESTAR

DEMOCRACIA PARA AS GRANDES MASSAS TRABALHADORAS — MUDANÇA RADICAL DA FISIONOMIA ECONÔMICA DO PAÍS — ABOLIDOS O LATIFÚNDIO E A EXPLORAÇÃO ESTRANGEIRA — CONSIDERÁVEL MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DO POVO

O GRANDE SALTO

Sob o regime democrático-popular a Rumânia, nestes 15 anos, deu um salto enorme para a frente, proporcionando ao seu povo melhores condições de existência e criando condições materiais para avanços ainda mais gigantescos.

O primeiro objetivo do governo democrático-popular foi mudar radicalmente a fisionomia econômica do país. Realizou-se a reforma agrária, a fim de libertar os camponeses, — que constituíam cerca de 80% da população. Traçaram-se planos para o desenvolvimento da economia nacional, dando-se preferência à indústria. O país não podia progredir sem possuir máquinas de sua própria fabricação para a agricultura, para a instalação de fábricas, para os transportes, para abrir estradas, navios para seu comércio exterior.

Para isto era necessário libertar a economia nacional dos parasitas estrangeiros que a sugavam. A dependência econômica da Rumânia em relação ao capital monopolista era um freio ao seu desenvolvimento industrial. O capital estrangeiro — inglês, francês, americano e alemão — dominava mais de 90 por cento da indústria de petróleo, 74% da indústria metalúrgica, 95% das indústrias de gás e eletricidade e 75% da indústria madeireira.

Expulso o capital estrangeiro, estimulado o entusiasmo popular, a produção industrial da Rumânia em 1958 era 4 vezes e meia maior do que em 1948. Alguns ramos industriais aumentaram ainda mais sua produção. Assim, a indústria química multiplicou-se por oito nesse decênio.

Para ter-se uma idéia mais clara do que representou o progresso formidável da Rumânia desde o período de ante-guerra, basta dizer-se que hoje ela produz em 2 meses tanto aço e eletricidade quanto em todo o ano de 1938.

E com uma população de aproximadamente 18 milhões de habitantes, num território menor que o do nosso Estado do Piauí, a Rumânia produz tanto aço quanto o Brasil. Em outros setores da indústria está muito à frente do nosso país.

ALGUNS ÍNDICES

A Rumânia ocupa hoje o segundo lugar na Europa e o 3.º no mundo (depois da URSS e EE. UU.) na produção de gás natural.

A mecanização de suas minas, depois da guerra, permitiu aumentar grandemente a produção de carvão de pedra, que passou de 2.826.485 toneladas em 1938 para mais de 7 milhões em 1957, devendo atingir 11 milhões no próximo ano. Será, assim, 5 vezes maior que a do Brasil.

Durante a segunda guerra mundial a produção de petróleo na Rumânia caiu para 3.500.000 toneladas. Com a descoberta de novos campos petrolíferos, é hoje de cerca de 12 milhões de toneladas, ocupando o segundo lugar na Europa e o 11.º no mundo.

A Rumânia, que antes importava toda a maquinaria para sua indústria de petróleo, hoje se auto-abastece e exporta instalações completas para o estrangeiro.

COMÉRCIO EXTERIOR

Neste sentido, é interessante conhecer alguns dados sobre o comércio exterior rumeno.

Em 1938, os produtos manufaturados (da indústria) na importação do país representavam três quartas partes do total das importações e a Rumânia na estrutura de sua exportação tinha apenas 2% de produtos de origem industrial, pois a quase totalidade era de matérias-primas e gêneros alimentícios.

A situação hoje é outra. Com o seu impetuoso progresso industrial, já no ano passado a produção nacional cobriu 82% das necessidades do país em máquinas e ferramentas e a Rumânia oferece para exportação: instalações completas para fábricas, centrais termo e hidrelétricas, navios marítimos e fluviais, refinarias de petróleo, vagões ferroviários, locomotivas, tratores e máquinas agrícolas diversas. Seu governo tem feito ofertas ao Brasil destes materiais, embora nós não mantenhamos relações diplomáticas e comerciais com a Rumânia.

Já em 1956 a exportação de produtos manufaturados havia aumentado 10 vezes sobre a de 1938. A Rumânia exporta produtos de petróleo para 25 países e já o ano passado mantinha relações comerciais com 60 países.

O BEM-ESTAR DO POVO

O grande progresso da Rumânia nestes tres lustros foi acompanhado por uma considerável melhoria das condições de vida dos trabalhadores. O incremento de sua economia se refletiu benéficamente no nível de vida do povo. E já em 1957 a renda nacional rumena era duas vezes maior do que em 1950. Este ano aumentará 13 e meio por cento sobre a do ano passado.

Destruido o regime latifundiário semifeudal, os camponeses rumenos vivem com relativo conforto. O setor socialista da agricultura representa hoje 67% da superfície cultivável e abrange cerca de 2.500.000 famílias.

Vejamos o exemplo de uma comuna agrícola, a Ciura Doicești. Fica situada no Danúbio. Em 1938 as terras dessa aldeia pertenciam a três grandes latifundiários. Hoje, nelas trabalham 1.088 famílias de camponeses unidos em 4 cooperativas agrícolas. Seu trabalho é auxiliado com máquinas fornecidas pelo Estado. Em 1938 não havia luz elétrica na aldeia; hoje, mais de 400 casas têm luz elétrica. Em 1938 existiam aí apenas 2 aparelhos de rádio; hoje existem 630. Não havia um só médico; hoje seus habitantes dispõem de 2 médicos e 4 enfermeiras. E não há um só analfabeto nessa população camponesa.

O que aconteceu em Ciura Doicești propagou-se por toda a Rumânia. Seus campos são hoje altamente mecanizados, dispendo de 45 mil tratores, isto é, um número aproximadamente igual ao do Brasil, cuja população é mais de 3 vezes maior.

As condições culturais não têm termo de comparação com as da Rumânia de antes da guerra. Estabelecimentos de ensino, institutos técnicos e científicos espalham-se por todo o país. A Rumânia efetua progressos extraordinários no terreno da ciência e da cultura em geral, pois assim o exige o seu avanço no domínio econômico.

Num Ambiente de Vitória o Aniversário do P.S.P.



Blas Roca

O Partido Socialista Popular (comunista) de Cuba está comemorando o 34.º aniversário de sua fundação. As festividades comemorativas transcorrem de 16 a 25 de agosto.

Em reunião do Biró Executivo do Comitê Nacional do P.S.P., em comêços do mês passado foi resolvido que as solenidades do 34.º aniversário não podiam limitar-se a atos de massa na data apenas, mas esta deverá constituir uma oportunidade para um amplo trabalho ideológico e educativo sobre o que é o Partido, o que representa e o que significa sua linha de defesa da revolução e de como fazê-la avançar.

O Comitê do Partido em Havana ficou incumbido de preparar um grande ato de caráter nacional, com a ajuda das organizações partidárias de Marianas, Reola e Guanabacoa. Nesse ato estarão presentes os fundadores do Partido cindivos, devendo ser prestada homenagem à memória dos desaparecidos.

Outros atos deverão ter lugar nas diferentes regiões do país, bem como em bairros, fábricas, sindicatos, etc., onde se farão informes sobre a fundação do Partido, sua ideologia, seu desenvolvimento, seu programa, suas lutas e sua linha política atual. São o objeto de estudo especial, durante este período, os seguintes temas:

- 1) o anticolonialismo;
- 2) o programa de libertação nacional;
- 3) a questão agrária;
- 4) a luta contra a discriminação racial;
- 5) a luta pela democracia e as liberdades do povo;
- 6) a orientação do desenvolvimento econômico como fundamento da independência nacional e da melhoria das condições de vida do povo;
- 7) o papel da classe operária e sua aliança com o campesinato como base da realização do programa econômico e social da revolução.

OUTROS ASSUNTOS

Na mesma reunião do Biró Executivo do Comitê Nacional, foi discutida a atual situação em Cuba, os ataques dos inimigos da revolução, as ameaças de intervenção direta ou através da Organização dos Estados Americanos (OEA) e as atividades dos elementos divisionistas.

Resolveu-se também dar atenção às atividades sindicais, especialmente em relação aos próximos Congressos operários.

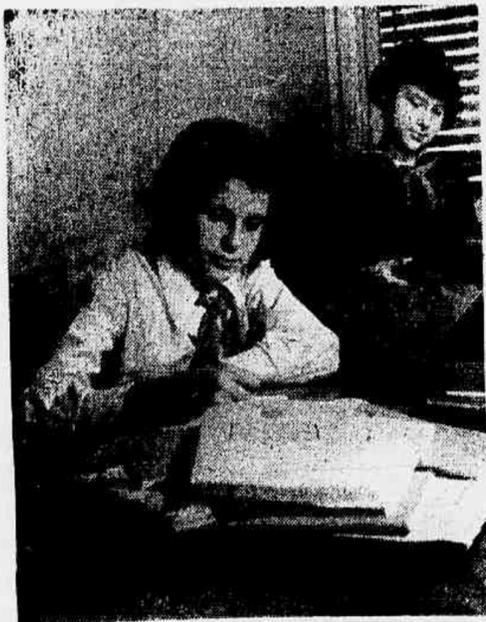
UM GRANDE ANIVERSÁRIO

O Partido Socialista Popular de Cuba comemora seu 34.º aniversário numa situação extremamente favorável às forças progressistas e revolucionárias do povo cubano, depois de vários anos de ilegalidade e perseguições ferozes sob a ditadura de Batista.

Este aniversário transcorre num clima de vitórias memoráveis dos trabalhadores e do povo cubano, para os quais o P.S.P. deu uma importante contribuição: contribuição que não é de hoje, mas se prolonga desde a época da fundação do Partido, há mais de três décadas. Percorreu ele uma trajetória de lutas nas quais tomaram alguns dos seus melhores combatentes, cuja memória é guardada pelos trabalhadores, desde Mela até Jesus Hernandez.

Mas as lutas deram seu fruto. A tirania de Batista foi varrida pelos revolucionários de Fidel Castro, ao lado dos quais formaram os comunistas, nas cidades e no campo, à frente da valorosa classe operária cubana.

Este aniversário do heróico Partido Socialista Popular marca o prosseguimento de novas lutas pela consolidação das conquistas revolucionárias e pelo avanço da revolução.



A JUVENTUDE rumena não frequênta escola na República Popular da Rumânia. Aqui vemos adolescentes rumenos nos bancos escolares.

O TIRANO DO CARIBE PÔE AS BARBAS DE MÓLHO

O POVO DOMINICANO NA LUTA POR SUA LIBERDADE

Aproxima-se a grandes passos o dia da libertação para o povo de São Domingos, submetido há mais de trinta anos à mais feroz das tiranias...

ajudar ao primeiro como para ter melhor e mais estreitamente oprimido ao povo, começou a importar legiões estrangeiras...

adivinha-se então de que lado estão as autoridades ianques! As armas apreendidas incluíam 200 cartuchos, 17 metralhadoras...

É um e o mesmo anti-comunismo o desses «democratas» de cor violeta e o de Trujillo. Vejamos como forma este último sua «Legião Estrangeira Anticomunista»...

conspiração reacionária que Trujillo prepara na área do Caribe, em complicidade com o imperialismo norte-americano...

AGRESSÕES CONTRA OS PAISES DEMOCRÁTICOS

Trujillo arma-se apressadamente. Acaba de adquirir na França vários helicópteros «Aleouette», assim como seis lanchas de desembarque na Inglaterra...

O "TÉRCIO ESTRANGEIRO"

Ao mesmo tempo, continua o recrutamento de mercenários estrangeiros para integrar a «Legião Estrangeira Anticomunista» de Trujillo. Sobre este «anticomunismo» é preciso dizer alguma coisa...

Trujillo arma-se apressadamente. Acaba de adquirir na França vários helicópteros «Aleouette», assim como seis lanchas de desembarque na Inglaterra...

«Todos estes dados evidenciam — diz o periódico dominicano «Vanguardia» — a gravidade da

A UNIDADE POPULAR

Mas, o fundamental não é isso. O fundamental é o despertar do povo, e a unidade de suas organizações, particularmente no exterior. Por todas as partes onde há dominicanos, constituem-se uniões patrióticas destinadas a aglutinar a todos os setores que lutam contra a tirania...

O Cônsul dominicano na mesma cidade, Augusto Ferrando foi acusada de procurar subornar agentes federais norte-americanos para que permitissem o envio de armas...

Teoria e prática

Estrutura e Superestrutura. «O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais...»

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

XXVI

NASCE A COMUNA DE PARIS

A 28 de janeiro o «Governo da Defesa Nacional» continuava a cumprir sua política de ficar com as mãos livres para enfrentar o esmagador proletariado revolucionário de Paris...

guseses da França derrotada no mesmo dia, contra revolucionário do país dessanguado e faminto, os queriam continuar injustamente a guerra. A burguesia é que era amiga do povo: queria a paz...

grande horda proletária de Paris. Ali estavam instalados muitos canhões das unidades de trabalhadores da Guarda Nacional. Foi, assim, com destino às colinas de Montmartre que as tropas do governo se deslocaram...

MAS é melhor a essa altura, refermos, simplesmente, a descrição dos fatos feita por um jornal da época: «Desde as primeiras horas da manhã foram enviados destacamentos do exército a Montmartre...»

Os soldados a princípio se detiveram, sem acudir-se a ferir as mulheres e machucou as crianças que se agarravam às rodas dos canhões. Depois de um momento de vacilação e ao perceber a ferocidade das ameaças que

NOS últimos meses se formaram no seio da Guarda Nacional, uma entidade dirigente democrática, o Comité Central da Guarda, constituído de delegados dos conselhos dos batalhões operários...

18 DE março de 1871: Uma tentativa abortada de Thiers para roubar os canhões da guarda nacional de Paris provocou a insurreição vitoriosa. Compreendeu-se novamente que em Paris a única revolução possível é a revolução proletária. Após a vitória, o Poder caiu por si mesmo, de modo indisputável, nas mãos da classe operária...



AS eleições foram marcadas para 8 de fevereiro, em cumprimento à imposição de Bismarck. Parte considerável do território francês, quarenta e três Departamentos ao todo (os «Departamentos» correspondem mais ou menos ao que no Brasil chamamos de «Estados»), estava sob o fecho das tropas prussianas. A imprensa bonapartista e burguesa e o clero reacionário dirigiam-se aos milhões de camponeses e pequeno-bur-

EM tal situação, a Assembleia Nacional saiu eleita com uma grande maioria de burgueses. Três quintas partes dos deputados eram monarquistas... A 13 de fevereiro, reunida em Bordéus, ela formou o novo governo, com o advogado Thiers à frente. Era um nome à altura dos desígnios de Bismarck e de seu grande inimigo, a burguesia da França. Thiers, que aliava à pequena estatura a uma deglavada mesquinhez política...

A 17 de março a Assembleia Nacional assinou, em Bordéus, as condições prévias do vergonhoso tratado de paz que seria mais tarde imposto à França pela Alemanha. Os restos do exército francês seriam desarmados, as tropas alemãs permaneceriam ocupando uma série de cidades francesas, assim como o norte e o leste de Paris...

EM seguida o governo concentrou suas tropas na capital, transferiu-se de Bordéus para ali e considerou que era chegado o momento do ato decisivo: desarmar os trabalhadores, os batalhões operários da Guarda Nacional. Durante a guerra, os proletários de Paris, tomados de justo sentimento patriótico e impulsionados, ao mesmo tempo, por sua vigilância de classe, tinham-se organizado, sem medir sacrifícios, para a compra de canhões para os seus batalhões e haviam-se equipado com espandartes e outras armas por eles mesmos fabricadas. Montmartre era então um

CONCLUSÃO DO DISCURSO DO DEPUTADO LYCIO HAUER

NOSSA POLÍTICA EXTERNA ESTÁ FORA DO TEMPO E CONTRA O TEMPO

Damos a seguir, transcrita do "Diário do Congresso", a parte final do discurso do deputado Lício Hauer, no qual tratou perante a Câmara das reivindicações dos servidores públicos federais e da necessidade de reformulação de toda a política exterior brasileira em termos de nação soberana.

POLÍTICA EXTERIOR PARA O DESENVOLVIMENTO

«Srs. deputados, há quem argumente com os perigos que poderiam advir para as instituições do País. Mas este argumento, sistemáticamente alimentado pelas falsidades das grandes agências de notícias, absolutamente não procede diante dos fatos. Não somente as instituições norte-americanas jamais foram afetadas pelas relações com os países socialistas, como o mesmo se dá, por exemplo, com a Etiópia. Esta conserva a sua forma monárquica de Estado e o seu imperador acaba de visitar a União Soviética, com a qual, segundo afirmação textual do sr. Jânio Quadros, concluiu magnífico acordo comercial. Dito, porém, que a Etiópia fica muito distante da União Soviética. Tomemos, então, o exemplo da Finlândia. Parte oprimida do antigo Império Turco, a sua libertação foi um dos resultados da revolução socialista de 1917, que pôs fim àquele Império e permitiu à Finlândia organizar-se como Estado independente em regime capitalista, que conserva até hoje, embora fronteira à União Soviética. Como é notório, as relações entre a Finlândia e a União Soviética vêm sendo depois da II Guerra Mundial, perfeitamente normais.

Qualquer observador imparcial e sereno percebe que as transformações institucionais de caráter duradouro não podem ser impostas de fora, mas decorrem sempre de modo precipuo, dos fatores internos, das forças sociais que atuam dentro de cada país. Na questão das nossas relações com esta ou aquela potência, o que está em causa não são as nossas instituições políticas e sociais, mas o exercício da nossa soberania, a afirmação de nossa condição de nação adulta, capaz de aplicar uma política independente no plano internacional.

Um membro desta casa declarou aos jornais que a ausência de relações entre o Brasil e a União Soviética constituía singularidade que o nosso país devia conservar. Seria conservar uma triste singularidade. Ocorre, porém, que o nobre deputado Daniel Faraço se equivoca, porque não existe nenhuma singularidade neste caso. A atitude do Brasil é precisamente a mesma dos países que até hoje conservam o regime fascista, contra o qual se insurgem os seus povos, ou que se assinalam na vida internacional pela posição sistemática de caudatários. Nenhuma razão pode haver para que continuemos em tão deprimente companhia, uma vez que em nosso País não existe o regime fascista, nem aceitamos a humilhante situação de caudatários.

Há uma chocante contradição entre o nosso acelerado desenvolvimento econômico dos últimos dez anos e a estagnação reacionária de nossa política externa. A cada momento, a vida se encarrega de demonstrar o quanto esta política é inatual, o quanto ela se atrase com relação às exigências dos tempos. Fazemos parte, como membro fundador, da Organização das Nações Unidas. Na sua Assembléia Geral, nas suas comissões e subcomissões, os representantes brasileiros não podem deixar de manter contactos e conversações com os representantes soviéticos. Os chefes de Estado do Brasil e da União Soviética trocam cordiais mensagens por ocasião do Ano Novo. O Parlamento brasileiro aderiu oficialmente à União Interparlamentar, da qual também faz parte o Soviete Supremo da União Soviética. Por sinal, na última assembléia da União Interparlamentar, a nossa

Câmara dos Deputados teve ocasião de receber uma delegação de parlamentares soviéticos. Apesar das dificuldades, incrementam-se, com vantagem mútua, as relações culturais entre o nosso País e a União Soviética, através da permuta das visitas de artistas, cientistas, esportistas, etc.

Por que negar-se a nós e desconhecer esta realidade, que entra pelos olhos?

Por que negar-se a normalizar esta situação, restabelecendo as relações diplomáticas com a União Soviética?

Ninguém pode crer que prosseguir nesta situação anômala seja lisonjeiro para o Brasil. Não deve a nossa política externa continuar fora do tempo e contra o tempo, presa a preconceitos ideológicos, a anacronismos e a interesses que não são precisamente os da Nação brasileira.

Como dizia o sr. Osvaldo Aranha, em conferência que realizou na União Nacional dos Estudantes, em março do ano passado, o Brasil não pode ignorar «metade da humanidade». Argumentava ainda o antigo presidente da Assembléia Geral da ONU: «Se o Brasil restabeleceu as relações diplomáticas com os países que foram seus inimigos na II Guerra Mundial — a Alemanha, a Itália e o Japão — por que não pode restabelece-las com a União Soviética, que foi sua aliada?»

Não esqueçamos, de fato, no momento em que foi necessário defender a independência nacional de armas na mão, os soldados brasileiros estiveram nos campos de batalha do mesmo lado em que se encontravam os soldados soviéticos. Se o Brasil e a União Soviética puderam ser aliados em tempo de guerra, porque não podem manter ao menos relações normais em tempo de paz?

CONQUISTA DE NOVOS MERCADOS

O SR. LYCIO HAUER — Aliás, este meu discurso não tem mais que o sentido de apoiar, justamente, a nova política que parece S. Exa. o sr. Presidente da República vai imprimir às nossas relações internacionais.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Nobre deputado, estou acompanhando o discurso de V. Exa. com a atenção que merece a pessoa do eminente colega. Há, no entanto, pontos vulneráveis que poderíamos replicar se tivéssemos de ocupar a tribuna para discutir o assunto. Mas como no momento V. Exa. é o dono da palavra, não é isso conveniente. Respeitando o pensamento de V. Exa. dentro daqueles mínimos princípios de respeito recíproco, ouso formular uma pergunta que de há muito vem trazendo coceiras na minha imaginação e sérias apreensões em momento de elucubrações políticas. Gostaria que V. Exa., como entendido na matéria, me respondesse.

O SR. LYCIO HAUER — Não sou entendido. Apenas

CHOCANTE CONTRADIÇÃO COM NOSSO ACELERADO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO — BRASIL E URSS FORAM ALIADOS DURANTE A GUERRA: POR QUE NÃO MANTER RELAÇÕES NORMAIS EM TEMPO DE PAZ? — O ERRO DO MAL. LOTT

estou acompanhando o assunto pelos jornais.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Querida desviar um pouco o tema do discurso com que V. Exa. está honrando a Casa, para formular uma pergunta que se faz diáritamente e a que pouca gente responde. Talvez V. Exa. possa responder e satisfazer a nossa curiosidade. Todas as guerras até hoje têm decorrido de interesses imperialistas em choque. Não sendo o Brasil um país imperialista e não sendo a Rússia um país capitalista, e como todas as guerras do mundo de hoje têm decorrido do choque de interesses imperialistas, segundo a teoria dos próprios partidários da Rússia, gostaria que V. Exa. respondesse se é possível uma guerra entre o Brasil, que não é imperialista, e a Rússia, que não é capitalista?

O SR. PRESIDENTE (Sr. Sérgio Magalhães — 1.º vice) — Desejo comunicar ao ilustre orador que o tempo de que dispõe para terminar suas considerações é de apenas quatro minutos.

O SR. LYCIO HAUER — Sr. Presidente, desejaria lembrar a V. Exa. que iniciel meu discurso atrasado. Assim, se não houver tempo para terminá-lo hoje, pediria a V. Exa. me reservasse dez minutos no início da próxima sessão.

O SR. PRESIDENTE — Infelizmente, o Regimento não permite mais essa continuidade de inscrição para o grande Expediente.

Como, porém, V. Exa. teve cinco minutos de seu tempo consumidos pela comunicação de um líder de partido, a Mesa concederá cinco minutos para V. Exa. concluir suas considerações.

O SR. LYCIO HAUER — Obrigado a V. Exa., Sr. Presidente, embora entenda que o Regimento Interno não permite prorrogação além das 16 horas.

E eu mesmo já tive oportunidade de levantar questão de ordem nesse sentido. ficando estabelecido que a Ordem do Dia começa às 16 horas, improrrogavelmente.

O nobre deputado Tenório Cavalcanti, porém.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Gostaria que V. Exa. dissesse apenas sim ou não. A resposta do nobre colega servirá de bússola ao meu raciocínio.

O SR. LYCIO HAUER — Digo apenas a V. Exa. que não acho possível uma guerra desse tipo. Não posso, porém, prever o futuro. Não sou eu quem irá responder a V. Exa., dessa ou daquela maneira. Não me sinto capaz de dar resposta, a não ser muito vaga. Acho isso totalmente impossível, pelo menos na atual conjuntura.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Permite V. Exa. que o interrompa novamente, apenas por um minuto. Dizem que é possível existir essa guerra, pelos motivos que acabou de expor. Entretanto, respondendo a V. Exa. no dia em que a Rússia entender de libertar o Brasil do imperialismo americano ou alemão...

O SR. LYCIO HAUER — Interrupção do nobre colega porque, infelizmente, meu tempo está praticamente terminado, segundo advertência feita pelo Sr. Presidente.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Voltarei a debater o assunto quando V. Exa. ocupar a tribuna na próxima sessão.

O SR. LYCIO HAUER — Com muita satisfação.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Obrigado pela honra da atenção.

O SR. LYCIO HAUER — Quando voltar à tribuna farei um apelo especial a V. Exa. para que esteja presente desde o início.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — Terel o maior prazer.

O SR. LYCIO HAUER — Infelizmente, não vou poder fazer todo o discurso que desejava, porque ain-

da falta ler algumas páginas datilografadas, mas peço a V. Exa., Senhor Presidente, que as entregue à Taquígrafia para serem publicadas (Muito bem; muito bem, Palmas).

(Parte final do discurso do sr. Deputado Lício Hauer, enviada à Mesa e que, a pedido de S. Exa., se publica como se fora lida).

«Já mantemos relações diplomáticas e comerciais proveitosas com três países socialistas: a Polónia, a Tchecoslováquia e a Jugoslávia. O restabelecimento de relações com a União Soviética seria, assim, nada mais do que um ato de coerência de nossa parte. O mesmo cabe dizer a respeito das relações com a República Popular da China, que representa ela sózinha, uma quarta parte do gênero humano.

Nacionalista que merece a confiança de grandes correntes do povo brasileiro, o Marechal Teixeira Lott deixou-se vencer, entretanto pelos preconceitos, ao fazer as suas conhecidas declarações contra o restabelecimento de relações com a União Soviética. Com essas declarações, cometeu o Marechal Teixeira Lott um erro evidente do ponto de vista dos interesses nacionais, erro que os nacionalistas esperam seja percebido e retificado por um homem que, em outras questões essenciais, já soube colocar-se à altura das reivindicações do nosso povo e das exigências de nossa época.

CONVICÇÃO QUASE UNÂNIME

Hoje é quase unânime na opinião pública brasileira a convicção de que o Brasil não deve continuar se privando do intercâmbio comercial com o mundo socialista, em particular com a União Soviética. Este intercâmbio já existe, em certas proporções, com alguns países socialistas, mas ainda é insignificante no que se refere aos dois maiores mercados do mundo socialista, isto é, a União Soviética e a China Popular.

Aqui, entretanto, cabe frisar que, sem relações diplomáticas, o intercâmbio comercial dificilmente se elevará a nível significativo. Uma série de óbices surge inevitavelmente quando o comércio não é encaminhado por embaladas credenciais, quando entre as partes que comerciam não existe o mútuo reconhecimento diplomático. É certo que, mesmo sem relações diplomáticas, poderemos desenvolver as relações comerciais com relativas vantagens. Mas, num momento em que tanto se fala na necessidade de uma política de comércio exterior agressiva, não se compreende que nos imponhamos voluntariamente limites ao esforço de expansão das nossas correntes comerciais.

Em estudo minucioso que realizaram, os economistas do Itamarati chegaram à conclusão de que o mercado norte-americano, apesar de toda a importância que tem e conservará provavelmente para nós, não é capaz de cobrir as necessidades crescentes do Brasil. O mesmo argumento foi destacado pelo Embaixador Chateaubriand numa recente entrevista pela televisão. Dizia o Embaixador:

«A realidade da situação dos Estados Unidos é a continência que sabemos. A cifra de crescimento do consumo ali das matérias-primas dos trópicos, sejam elas vegetais ou minerais, não ultrapassa de 2, 3 e 4 e meio por cento ao ano. Que é isto diante da queda que sofremos de perto de 400 milhões de dólares no preço do café exportado? Logo, para o lado dos Estados Unidos nada há a fazer, pelo menos nos próximos anos.»

Quanto à Europa Ociden-

tal, as conclusões dos economistas do Itamarati são ainda mais pessimistas. Com a criação do Mercado Comum Europeu, as importações procedentes da América Latina sofrerão naquela região inexorável decréscimo relativo. O aumento em termos absolutos será tão pequeno — afirmaram os referidos economistas — que «perde definitivamente toda e qualquer significação prática».

A conclusão lógica que se nos impõe, por conseguinte, é que, se precisamos expandir as nossas exportações a fim de adquirir no exterior bens de produção indispensáveis ao desenvolvimento da economia nacional, não podemos deixar de procurar mercados em outras direções que até o momento os dirigentes do País não se resolveram ainda a explorar.

Esta mesma conclusão já foi abertamente reconhecida pelo próprio governo brasileiro. Falando oficialmente em seu nome, em Washington, na reunião dos 21 delegados dos países do Continente, o sr. Augusto Frederico Schmidt — personalidade por demais insuspeita de simpatias esquerdistas — declarou o seguinte:

«Nessas condições, o Brasil e a América Latina, como alternativa para os perigos de estagnação econômica, terão de tentar aumentar exportações para mercados que no caso brasileiro, podem, ser considerados não convencionais, tais como os da União Soviética e da China Continental, sem os quais será impossível manter-se adequados níveis e taxas de expansão da exportação.»

Esta afirmação foi anunciada em novembro do ano passado. Decorridos já nove meses, quase nada fez, todavia, o governo brasileiro para libertar a exportação do nosso país dos círculos estreitos em que ainda se mantém. São certamente louáveis os esforços do Sr. Renato Costa Lima para incrementar as vendas de café brasileiro na Polónia e Tchecoslováquia e para levá-lo à União Soviética. Anunciou o Presidente do IBC em discurso recente na localidade paulista de Cafelandia:

«... a Rússia, que representa um imenso potencial de consumidores, vem revelando grande interesse na aquisição do nosso café. Já foram fel-

tos alguns negócios. Já se consome, no momento, café do Brasil na Rússia. Estamos empenhados em alargar essa estrada, que vai demonstrar que o problema do café, na realidade, é de subconsumo.»

Tem razão o Sr. Renato Costa Lima. O que cumpre advertir, porém, é que não podemos esperar significativa expansão da compra de produtos brasileiros pela União Soviética e outros países, enquanto insistirmos no pagamento em moeda conversível ou em operações triangulares. A prática hoje generalizada no comércio internacional é a dos acordos bilaterais em que vender também implica em comprar a quem nos compra. Apesar das pitorescas opiniões em contrário do Coronel Danilo Nunes, sem dúvida confundindo política política com economia política, a verdade é que muita coisa útil tem e nosso País a comprar na União Soviética, segunda potência industrial e agrícola do mundo.

Ao tomarem posse nos cargos de Ministros, os Srs. Horácio Lafer e Pais de Almeida declararam-se taxativamente por uma política de conquista de novos mercados externos. Esperamos que saibam utilizar os instrumentos adequados a este desideratum. Neste particular, o instrumento mais adequado é o do acordo bilateral, que, no caso da União Soviética, teria sua conclusão enormemente facilitada se com aquele país mantivéssemos relações diplomáticas normais.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, o desenvolvimento da economia nacional é um fato que hoje empolga a todo o povo brasileiro. Como seu representante nesta Casa, posso afirmar que os trabalhadores brasileiros estão à frente de todos aqueles que se batem por um desenvolvimento independente e progressista da economia nacional. Os trabalhadores brasileiros apóiam com entusiasmo todas as iniciativas que visem a incrementar o ritmo da industrialização, a libertar os setores econômicos fundamentais da exploração pelo capital estrangeiro e a reformar a estrutura agrária manifestamente anacrônica.

O progresso econômico do País depende diretamente do seu comércio exterior. Um país em processo de industrialização precisa aumentar as importações de bens de produção. Mas, em nosso caso, o único meio para aumentar as importações consiste no aumento das exportações. Daí a importância decisiva da expansão de nossas correntes de comércio exterior através de novos mercados. Não implica isto, em ab-

soluta, na subestimação das áreas tradicionais, ou seja, os Estados Unidos e a Europa Ocidental. O esforço que fazemos nestas áreas precisa ser acompanhado de empenho decidido de expandir o intercâmbio em outras áreas, na América Latina, na Ásia e na África. Importância especial tem, porém, o comércio com o mundo socialista. Trata-se de um mercado que abrange um bilhão de consumidores com crescente poder aquisitivo. Além disso, são os países socialistas aqueles que evidenciam as mais elevadas taxas de crescimento econômico na época atual. Como continuar ignorando tão vasto mercado, invocando razões de ordem ideológica que nada têm a ver com a troca de bens materiais?

O café brasileiro não influirá sobre o regime social existente na União Soviética, como lampouco o petróleo soviético terá qualquer influência sobre as instituições sociais e políticas do Brasil. São verdade elementares que, entretanto, ainda encontram resistência em virtude de preconceitos ideológicos sem fundamento.

IMENSAS POSSIBILIDADES

Tais preconceitos não devem pesar sobre os responsáveis pelo país, quando temos em vista as imensas possibilidades do comércio com a União Soviética. De acordo com dados da ONU, de 1938 a 1957 a União Soviética aumentou o seu comércio exterior em 6,2 vezes. Se em 1937 a União Soviética ocupava o 16.º lugar no mundo pelo valor global do comércio exterior, atualmente já ocupa o 6.º lugar. Em 1957, o comércio exterior soviético totalizou nos dois sentidos (exportação e importação) 8,3 bilhões de dólares, correspondendo 2,2 bilhões de dólares ao intercâmbio com os países capitalistas. Assim, pois, somente com os países capitalistas a União Soviética, apesar de toda a política de bloqueio, já tem um intercâmbio comercial que se aproxima do valor total do comércio externo brasileiro. Não há razões que justifiquem o alheamento o tão poderoso mercado. Ninguém terá dúvidas sobre o intransigente anticomunismo do chanceler Adenauer. Entretanto, a República Federal Alemã mantém relações diplomáticas com a União Soviética e concertou com esta última, para 1959, um acordo comercial no valor de 250 milhões de dólares nos dois sentidos, soma que supera em 24% o do convênio de 1958.

Não é necessário, porém, buscar exemplos além do Atlântico. Temos mesmo ao

(Conclui na 10.ª página)

LUTA CONTRA A CARESTIA GANHA AS RUAS DE S. PAULO

SÃO PAULO (Da Correspondente) — A luta contra a carestia toma corpo e ganha as ruas de São Paulo na segunda-feira última dia 16, considerável massa humana compareceu ao comício "contra a fome", organizado por entidades sindicais e populares, na Praça da Sé, quando protestaram energicamente pela sonegação do feijão, carne, leite e óleo. Os oradores, entre os quais se destacaram os Srs. Remo Forli, Hermeto Dantas e Eugênio Champ — metalúrgicos; Luiz Tenório de Lima — latifúndios; Francisco Floriano Dorem — químicos; Pedro Renaux Duarte — ULTAB; Sebastião Costa — FESAB; ver, Milton Marcondes — bancários; ver, João Louzada — construção civil; ver, Marilde de Carvalho e dep. Farabullini Júnior, criticaram acerbamente a imprevisão do governo em não controlar a produção de feijão no Estado, por não expropriar imediatamente as sacas do produto estocadas nos armazéns da CAGEP e importar as necessidades. Acatarem os frigoríficos, usinas e empresas norte-americanas que monopolizam esses setores da produção conseguem a estáo sonegando carne, leite e óleo, alimentos vitais à família brasileira. Foi exibido ao pú-

blico por D. Dalva Uchôa, presidente da Federação das Mulheres do Estado de São Paulo, um colar de pérolas e... feijão, confeccionado por 176 alunas, da Escola de Corte e Costura Beatrizinha Falcão, acompanhado de 1.500 abaixo assinado de donas-de-casas paulistas.

Continuar realizando, todas as segundas-feiras na Praça da Sé, manifestações contra a alta dos preços e a sonegação dos produtos alimentícios.

No caso...

(Conclusão da 10.ª pág.)

de Agricultura daquele estado mostraram que os pequenos produtores não têm condições técnicas e nem dispõem de capital para produzir leite de maneira econômica. Com esta desculpa, dão-se os aumentos e o grosso vai parar nas mãos da VIGOR, continuando a má situação dos pequenos produtores e o mau abastecimento da cidade.

A orientação do governo é tão condenável que os matadouros da PDF, para dar um último exemplo, continuam abatendo bois e os entregando aos frigoríficos, que escondem a carne para vender mais caro, enquanto a COFAP vende carne sob racionamento em seu entreposto de São Dloga.

NO RIO, CIENTISTAS SOVIÉTICOS

Participantes do Congresso Internacional de Fisiologia, que acaba de realizar-se em Buenos Aires, chegaram de avião ao Rio, em trânsito, os cientistas soviéticos Ezras Aratian, Alexandr Tscherkachin, Alexandr Valachov, Piotr Anokhin e Ivã Beritochvili. Já haviam passado por São Paulo, quando chegaram ao Rio num avião da Air France. Recebidos pelo dr. Isnar Teixeira, do Ministério da Saúde, e José Brígido, do Departamento Médico do Instituto Brasil-URSS, os médicos soviéticos obtiveram permissão das autoridades para permanecerem uma semana entre nós. A delegação científica soviética que foi ao Congresso de Buenos Aires era composta de 32 médicos. Os demais regressaram diretamente a seu país. É provável que pronunciem conferências científicas nos meios médicos cariocas. Na foto, um grupo de cientistas soviéticos confraternizam com um feirante carioca, em cuja barraca compraram diversas frutas brasileiras.



FESTA NACIONAL DOS BANCÁRIOS

Bancários de todo o país realizaram, segunda-feira última, na sede do Sindicato dos Bancários desta capital, uma festa comemorativa do reconhecimento da CONTEC (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito). Durante o ato, que contou com numerosa assistência, falaram inúmeros oradores, entre os quais os srs. Huberto Menezes Pinheiro, presidente da CONTEC, João Goulart, vice-presidente da República, e Armando Ziller, presidente da Federação dos Bancários de Minas e Goiás. Ao lado das reivindicações sindicais (aumento de salários, afastamento do atual presidente da IAPB e outras) vários oradores falaram também sobre a necessidade de o Brasil manter relações com todos os países e de serem respeitadas as liberdades democráticas. Na foto, o bancário Huberto Menezes Pinheiro quando pronuncia o seu discurso.



"OTELO" RUSSO

Está sendo exibido no Rio o famoso filme soviético «Otelô», baseado na tragédia de Shakespeare. Trata-se de uma película em cores, com aquela beleza em que o cinema soviético é inexcelsível. A principal qualidade do filme é ter sabido conjugar excelentemente a técnica cinematográfica com a arte dramática exigida pela história do Mouro de Veneza. É assim um misto de cinema e teatro, em perfeita harmonia. O filme é dirigido por Serguéi Iúkiévitch; a produção dos estúdios cinematográficos Mosfilm, apresentada entre nós pela Tabajara Filmes. Está sendo exibido no cinema Flórida, em Copacabana, à Rua Siqueira Campos.